



**UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA**

**Eliane Pereira da Silva Dominguez**

**TEORIA *QUEER* E A PSICANÁLISE**

**Rio de Janeiro**

**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**ELIANE PEREIRA DA SILVA DOMINGUEZ**

## **A TEORIA *QUEER* E A PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Subjetividade nas Práticas da Ciência da Saúde.

Orientador: Maria Anita Carneiro Ribeiro

**Rio de Janeiro**

**2010**

DIRETORIA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*

E DE PESQUISA

Rua Ibituruna, 108 – Maracanã

20271-020 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2574-8871 - (21) 2574-8922

### FICHA CATALOGRÁFICA

D671t Dominguez, Eliane Pereira da Silva

Teoria *queer* e a psicanálise/ Eliana Pereira da  
Silva Dominguez, 2010.

77f. ; 30 cm.

Digitado (original).

*Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de  
Almeida, Mestrado Profissional em Psicanálise,  
Saúde e Sociedade, Rio de Janeiro, 2010.*

*Orientação: Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Maria Anita C. Ribeiro*

1. Homossexualidade. 2. Psicanálise. 3. Teoria  
psicológica . I. Ribeiro, Maria Anita C. II. Universidade Veiga  
de Almeida, Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e  
Sociedade. III. Título.

CDD – 150.195

Bireme

ELIANE PEREIRA DA SILVA DOMINGUEZ

A TEORIA *QUEER* E A PSICANÁLISE

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Subjetividade nas Práticas da Ciência da Saúde.

Aprovada em 24 de setembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Anita Carneiro Ribeiro  
Universidade Veiga de Almeida

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Denise Maurano  
Unirio

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Sonia Borges  
Universidade Veiga de Almeida

*Para minha mãe, que através do brinde de seu olhar me vestiu de amor. Fez-me na prática entender Clarice Lispector, quando diz: "Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é possível fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada."*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar ao Vice-Reitor da Universidade Veiga de Almeida, Tarquínio Prisco Lemos da Silva, e Eliane Gomes dos Santos, que viabilizaram meus estudos nesta conceituada instituição.

A minha orientadora Maria Anita Carneiro Ribeiro, por todo o direcionamento de minha pesquisa.

A minha grande amiga Liliane Carneiro, que esteve ao meu lado durante todos os momentos difíceis e felizes desta travessia.

Ao meu marido, que pacientemente se manteve presente e ausente de acordo com as minhas necessidades, durante todo o tempo.

Ao meu irmão Wadih, por cuidar de minha mãe, facilitando e incentivando meus estudos.

A Vera Pollo, por ter me ouvido.

A maldade é a vingança do homem contra a sociedade,  
pelas restrições que ela impõe.

Sigmund Freud



## RESUMO

Esta dissertação visa circunscrever algumas reflexões acerca da sexualidade no pensamento de Freud e Lacan. Tal escolha está pautada na relevância desse ponto que consideramos capital, e justifica a atualidade do tema, que sempre impõe desafios, desde os primórdios da investigação freudiana. Conduzimos tal percurso teórico a uma discussão junto com a Teoria *Queer*, filosofia feminista que analisa detalhadamente a noção da diferença sexual e do gênero, no que julgamos a Teoria psicanalítica mantenedora de um pensamento heterossexual. Diante dessa visão *queer* sobre a psicanálise, consideramos importante aclarar as críticas, na busca de tornar inteligível alguns conceitos doutrinários freudianos. O principal objetivo é o de estabelecer a relação entre a visão *queer* sobre a psicanálise, e a visão psicanalítica sobre a assunção subjetiva do sexo. Pensamos que com os esclarecimentos acerca da teoria psicanalítica, as teóricas *queer* façam uma nova leitura da psicanálise, pelo menos no tocante à sexualidade e sua relação com a anatomia do corpo.

**Palavras-chave:** psicanálise; teoria *queer*; sexualidade; gênero.

## ABSTRACT

This dissertation aims to circumscribe some reflections about sexuality through Freud and Lacan's works. This choice is based on the relevance of this theme which we think is very important has a major importance because of its actuality that always brings new challenges since the beginning of Freud's investigation. We intend to compare the Psychoanalytical point of view with queer theory, feminist philosophy, that analyses detail's of sexual differences and the gender in a different way, because they believe that Psychoanalysis keeps a heterosexual mind. In face of this queer's vision about sexuality we believe it would be very important to clarify the critics they do. The main objective is to establish the relation between the queer visions about psychoanalysis and the view it have about how the subjects make its object choices. We believe that clarifying some major psychoanalytical ideas ,could help queer's philosophers to make a new reading, at least about psychoanalysis's view related to how we think sexuality and the body anatomy.

**Keywords:** phsycoanalysis; *queer* theory; sexuality; gender.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 A TEORIA <i>QUEER</i>.....</b>	<b>16</b>
1.1 STONEWALL: A REVOLUÇÃO GAY.....	16
1.2 HOMOSSEXUALISMO E A IDENTIDADE GAY.....	17
1.3 A TEORIA <i>QUEER</i> : GÊNERO E SEXUALIDADE.....	20
1.4 UMA VISÃO <i>QUEER</i> SOBRE A PSICANÁLISE.....	29
<b>2 PSICANÁLISE E SEXUALIDADE.....</b>	<b>32</b>
2.1 O COMPLEXO DE ÉDIPO – VERDADE E FICÇÃO.....	37
2.2 O COMPLEXO DE ÉDIPO NOS MENINOS.....	40
2.3 O COMPLEXO DE ÉDIPO NAS MENINAS.....	42
2.4 A TEORIA PSICANALÍTICA DA PERVERSÃO E A HOMOSSEXUALIDADE.....	45
<b>3 IDENTIFICAÇÃO E ESCOLHA DE OBJETO.....</b>	<b>50</b>
3.1 A PARTILHA DO SEXO E A FÓRMULA QUÂNTICA DA SEXUAÇÃO.....	57
<b>4 CASO CLÍNICO.....</b>	<b>61</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXO – PRODUTO.....</b>	<b>74</b>

## INTRODUÇÃO

Durante uma aula da pós-graduação chamada *Atualidades em Psicanálise*, ministrada na PUC-Rio, nos foi apresentado para discussão o texto “*O Pensamento Hetero*”, lido pela primeira vez em Nova York no ano de 1978, no qual sua autora, Monique Wittig (1992), uma das mais destacadas representantes da Teoria *Queer*, fez um verdadeiro ataque à psicanálise, psicanalistas e, particularmente, a Lacan.

A Teoria *Queer*, é um discurso acadêmico, tem por pilar filosófico a questão da identidade sexual e a identidade de gênero como construções sociais, históricas e culturais estruturadas em uma heteronormatividade compulsória. Segundo suas teóricas, o sexo deve se assujeitar a uma matriz heterossexual, que por intermédio de um discurso opressor autoriza as práticas sociais de exclusão, de discriminação.

O movimento *queer* pretende negar a existência da diferença sexual, validando todas as variações possíveis de sexualidade sem qualquer tipo de classificação. Baseadas em Foucault, filósofo francês, propõem uma mudança na linguagem, sem que haja a distinção notória o/a, masculino e feminino, objetivando repensar a sexualidade bem como a sexuação.

De certa forma, podemos dizer que a teoria *queer* ressalta a *performatividade*, entendendo-a como uma repetição de normas, muitas vezes ritualizadas, veiculadas na linguagem, acabando por naturalizar o sexo biológico. Em contrapartida, quem ousar permanecer em uma posição diferente destas normas, com comportamentos fora dos ideais de masculinidade ou feminilidade ligados ao padrão heterossexual, sofreria suas consequências.

O *pensamento hetero*, de Monique Wittig, um discurso agressivo, instigou a pesquisa desta dissertação ao se interrogar o que levava aquela teórica lésbica, como preferem ser chamadas as que se intitulam *queer*, a fazer afirmativas de tamanha relevância, como, por exemplo: “Na minha opinião, não há dúvida que

Lacan encontrou no inconsciente as estruturas que disse que lá encontrou, pois, tinha-as previamente posto lá (...). (WITTIG, 1978).

As palavras de Wittig são carregadas de críticas bastante severas à psicanálise, e, levando em consideração seus postulados conceituais, pensamos ter encontrado questões que precisavam ser avaliadas pelos psicanalistas. A começar pelo que se referem à relação da psicanálise com a articulação dos conceitos de sexualidade, complexo de Édipo, complexo de castração, identificação, entre outros, pois estes são fundamentais para a teoria psicanalítica, princípios sem os quais a psicanálise não se constituiria.

Conforme Borges (2008, p.221): “Uma interrogação só é realmente uma interrogação, ensina Heidegger (1929)<sup>1</sup>, se aquele que interroga estiver implicado nela, isto é, problematizado por ela”. A partir desse ponto de vista, decidimos pesquisar o objetivo deste trabalho diretamente nos textos freudianos, mantendo assim uma postura psicanalítica na busca de um saber construído continuamente, e não o de sustentar uma visão pronta, a saber: fazer um contraponto entre os conceitos psicanalíticos sobre a partilha dos sexos e os da teoria *queer* sobre a homossexualidade.

Para tal, a iniciativa consistiu em poder evidenciar o abalo moral provocado nos sujeitos, resultante da ousadia freudiana, quando provocou uma ruptura no modo de se pensar a sexualidade e o gênero na espécie humana, diria mesmo, uma subversão desse último conceito. Vale lembrar que Freud focalizou a sexualidade em plena era vitoriana, portanto, situa-se em um terreno bastante arenoso que necessitou de grandes cuidados. Nossa hipótese é que existem pontos comuns entre a teoria psicanalítica e a teoria *queer*, apesar das teóricas desta última tomarem uma via bastante contrária à psicanálise. Estaria imbricada na teoria *queer* um não aceite da determinação biológica na escolha do sexo, esse mesmo não aceite vale também para a psicanálise. Analisaremos ambas as teorias.

Assim, no primeiro capítulo, aprofundaremos os conhecimentos sobre a teoria *queer* e seu pensamento filosófico. Em virtude dessa teoria apresentar variadas formas de pensamento, procuramos centrar nossa análise em suas mais destacadas autoras: Monique Wittig (1978), Judith Butler (2001; 2008) e Guacira Lopes Louro (2001).

---

<sup>1</sup> HEIDEGGER, Martin. (1929) **O que é metafísica?** Col. Os pensadores, vol. 4. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Judith Butler é atualmente professora na Universidade da Califórnia, em Berkeley, Estados Unidos. Com várias publicações, tem entre seus livros mais destacados *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*, publicado, em 1990, em vários idiomas e, inclusive, esgotado no Brasil. Importante destacar que Butler ganhou bolsa para desenvolver suas pesquisas de dois importantes institutos norte-americanos, Wesleyan University e em Yale University.

Butler parte da questão que interroga se a política feminista poderia funcionar sem a categoria das mulheres, ou seja, sem uma suposição do termo “mulheres” apresentar uma identidade comum. Segundo a autora, esta classificação seria decorrente da cultura, pois operaria dentro de um falocentrismo e de uma heterossexualidade compulsória. Ela acredita que o pensamento binário dos gêneros sustenta uma relação mimética entre gênero e sexo, ou seja, dois gêneros/dois sexos. Afirma: “talvez o próprio constructo chamado sexo seja tão culturalmente construído quanto o gênero.” (BUTLER, 2008, p.25).

De fato, a teoria *queer* busca uma desnaturalização da genitália do corpo, pretendendo promover uma cisão entre o sexo anatômico propriamente dito e o peso da sua significação cultural, em virtude de tal relação não trazer em si nada da ordem do natural. Com isso, Butler defende que tanto um homem quanto uma mulher não deveriam, culturalmente, serem obrigados a sustentar as características simbólicas de como se deve habitar um corpo.

A psicanálise, nesse sentido, anda na mesma direção que a teoria *queer*, pois, no tocante a sexualidade, sabemos que a assunção subjetiva do sexo não necessariamente, ou melhor dizendo, nem sempre acompanha o biológico. O que podemos destacar, no entanto, como um grande diferencial, é o primado do falo como um ponto de contramão com a psicanálise. O falo para a psicanálise acaba por designar como referência os dois sexos no inconsciente, sendo o masculino o lado que tem, mas pode perder, e o feminino o outro lado, que não o tem. O falo, assim, se inscreve como faltante, tanto no homem quanto na mulher; castração e *Penisneid*, respectivamente. O falo se refere à falta, é o significante do desejo, porque o desejo está referido à falta.

Guacira Lopes Louro, historiadora e professora, outra teórica de destaque, desenvolve os estudos *queer* no Brasil. A via utilizada por ela para introduzir seus estudos foi o da educação, meio acadêmico propriamente dito, em virtude de sua própria formação, e por ser também pesquisadora do CNPq. Conforme ela mesma

afirma: “A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém assuma sua condição de homossexual ou bissexual... O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância.” (LOURO, 2001 p.30).

E, por fim, a militante já mencionada, que se intitulou a mais radical de todas, Monique Wittig. Ela afirmou que a lésbica não é uma mulher, pois mulher “só existe como termo que estabiliza e consolida a relação binária e de oposição ao homem (...) ao passo que a lésbica transcende a oposição binária entre homens e mulheres...” (WITTIG, 1978 *apud* BUTLER, 2001, p.164).

Diante desse discurso, em que o ponto nodal da questão *queer* está nos problemas de gênero, no segundo capítulo procuraremos apresentar conceitos psicanalíticos voltados à sexualidade, o que nos levou a discorrer primeiramente sobre a bissexualidade e o mito de Édipo da peça de Sófocles. Freud se utilizou desse mito para universalizar uma travessia do sujeito cuja construção da subjetividade é singular para cada um. A assertiva psicanalítica aponta a necessidade de se construir um mito, obtendo no Simbólico um deslocamento do Real, em outras palavras, durante a construção mítica se acrescenta significantes. Lida-se com os quatro pontos do impossível lógico: nascimento, sexo, mulher e morte.

Do universal do Édipo com o mais singular que é o sujeito, procuramos apresentar a diferenciação desta passagem no menino e na menina. Quais seriam portanto, as respostas que o sujeito precisaria dar quando se depara diante desta travessia “obrigatória” da diferença dos sexos? Enfrentar o Édipo e resolvê-lo é atravessar dificuldades. Falar do Édipo é uma forma mítica de expressar a entrada do sujeito no campo simbólico.

Dito isso, trabalharemos o complexo de Édipo e o complexo de castração, que opera feminizando homens e mulheres. No entanto, Freud observou uma dificuldade da menina maior em se desvencilhar da mãe. Dificuldade que podemos inferir a uma fixação libidinal como nos fala Poli: “uma tendência à fixação da libido às primeiras posições — oral, anal e fálica —, nas quais passividade e atividade convivem. As mulheres teriam por isso maior inclinação à bissexualidade do que os homens.” (POLI, 2007, p.33).

Discorreremos ainda, nesse segundo capítulo, sobre o tema da perversão, pois, como nos mostra a psicanálise, todo ato sexual que desvie da procriação pode

ser considerado um tipo de perversão. No entanto, a sexualidade traz em si toda variação possível, pois Freud falou que ela é perversa-polimorfa. Pensar em sexualidade e reprodução é científico, Freud fala de sexualidade desvinculada da ciência e da religião. Braunstein (2007) sublinha a posição de Lacan, portanto da psicanálise, quanto à perversão: “A palavra ‘perversão’ jamais conteve, para ele, uma qualificação moralizante e foi pensada sempre como uma constatação clínica que não devia se manchar com valorizações que vulnerassem a neutralidade do analista.” (ibid., p.165).

A ideia é a de circunscrever uma separação radical, do ponto de vista diagnóstico, entre a homossexualidade e a perversão, pois a primeira diz de uma escolha de objeto, diferentemente da segunda que retrata uma estrutura clínica.

No terceiro e último capítulo, consideramos de suma importância para esta dissertação o conceito de *identificação*. Para tal, buscamos diretamente nos textos de Freud os caminhos percorridos em seus casos clínicos, para entender a complexidade desse conceito como central, em que o eu acaba por se constituir. Pois, é no Édipo, cujo sujeito se encontra no impasse da diferença sexual, que ele poderá buscar os traços identificatórios com a mãe, com o pai e com o ideal do eu. E, finalmente, trabalharemos sobre a fórmula quântica da sexuação apresentada por Lacan, em 1972–73, que nos auxilia a vislumbrar a escolha de objeto feita pelos seres falantes. (LACAN, 1972–73/1982).

Para ilustrar, apresentaremos um caso clínico por nós atendido, de uma jovem homossexual, com o qual pudemos rapidamente traçar um paralelo com o texto freudiano de mesma referência. Nele também encontramos a falta dos cuidados maternos para com a paciente, e que pode nos remeter a atenção que a mãe da *Jovem Homossexual* dirigia ao seu filho varão. (FREUD, 1920/1995).

Nas considerações finais, o ponto primordial estará em apontar a bissexualidade como sendo constitutiva de todos os sujeitos, pois no Édipo recalçado se tem também a libido do filho voltada para o pai e da filha voltada para a mãe. Não se educa a pulsão sexual para assujeitá-la aos ideais sociais, a uma visão moralizante. Utilizando os textos freudianos, procuraremos responder às acusações feitas pelas teóricas *queer*, mais especificamente a Monique Wittig, os pontos nos quais elas acreditam serem mantenedores de um pensamento heterossexual por intermédio da psicanálise.



Esperamos, com esta dissertação, contribuir para uma visão menos discriminatória e excludente, e também elucidar as questões mais intrincadas sobre a sexualidade e, mais particularmente, sobre a homossexualidade.

## 1. A TEORIA QUEER

As novas querelas sobre a sexualidade, sobretudo sobre a homossexualidade e outras formas de relações eróticas, são fortemente propagadas nos meios de comunicação em nossos dias. Tema que desperta interesse aos mais variados universos, vamos aqui apresentar o surgimento da novíssima teoria *queer* e algumas de suas praticantes. Para começar, um pouco da história do movimento gay.

### 1.1 STONEWALL: A REVOLUÇÃO GAY

Em Nova Iorque, no final dos anos 1960, no bairro chamado *Greenwich Village*, aconteceu um movimento político e social que pode ser considerado um divisor de águas na vida de muitos sujeitos. Tal movimento gerou o dia que passou a ser *mundialmente* considerado como *O Dia do Orgulho Gay*.

Braunstein (2007) nos conta que naquele bairro existia um bar feio, sujo e escuro, conhecido por *Stonewall*, que se destacava de muitos outros por possibilitar encontros entre gays, lésbicas, travestis e simpatizantes, permitindo, através de danças, bebidas e certa privacidade, que pessoas do mesmo sexo se encontrassem, amorosa e sexualmente, e se divertissem. Para o infortúnio dos homossexuais frequentadores de *Stonewall*, alguns policiais, com alegações, tal como a falta de licença para vender bebidas alcoólicas, entre outras, abordavam-os criando situações de enfrentamento e acabavam por surrar os ali presentes, chegando a dar voz de prisão a alguns deles sob qualquer pretexto.

No dia vinte e oito de junho de 1969, numa dessas batidas policiais, ao se darem conta de seu poder e força, os homossexuais reagiram às agressões e se organizaram com o objetivo de extinguir tal prática, dando um basta contra a

opressão policial homofóbica<sup>2</sup>, das quais vinham sofrendo durante anos. O marco se deu devido a um grande número de pessoas se juntarem para resistir aos maus tratos da polícia para com a comunidade homossexual. E assim, por responderem também com agressões, atirando pedras, garrafas e tudo o mais que viam pela frente contra os agressores, essa data passou a ser considerada a origem dos movimentos de celebração do orgulho *gay* nas mais variadas partes do mundo. (CARNEIRO RIBEIRO, 2009). Foi a reação dos homossexuais que fez com que despertasse neles um sentimento de pertencimento e passassem a ter voz ativa para com suas questões.

*Stonewall* transformou-se em símbolo da libertação homossexual, e, desde o ano seguinte, promove-se, nessa mesma data, a primeira *Parada Gay*. Esta vem se repetindo anualmente e aumentando o número de seus seguidores. O movimento em si é considerado político, respeitado e sério, pois aquela atitude de enfrentamento deixou claro que não se *pedia*, e sim se *exigia* respeito para com aquela comunidade.

De fato, a partir de *Stonewall*, muitos, como se diz na linguagem coloquial, *saíram do armário* e assumiram suas preferências sexuais, levantando bandeiras na luta pela liberdade de suas escolhas sexuais. Nos Estados Unidos, para além de festivo, o movimento também é intelectual e anda na contramão do conservadorismo. É, portanto, de vanguarda e transformador da cultura. Esse movimento acabou por promover, entre outras coisas, uma alteração na nomenclatura, pois com a emergência daquele novo discurso, o significante *homossexualismo* foi sendo substituído paulatinamente pelo significante *gay*, que é um termo politizado, resultado de uma revolução semântica. (CARNEIRO RIBEIRO, 2009).

## 1.2 HOMOSSEXUALISMO E IDENTIDADE GAY

“Gay” é uma palavra menos estigmatizante, primeiro porque não traz em si a ideia de patologia, como ocorria com o termo homossexualismo, e também porque

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, conseqüentemente, contra a homossexualidade, e que pode incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação contra homossexuais. (Cf. HOUAISS, 2001).

sua etimologia significa alegria, felicidade, ao contrário de homossexualismo, que tem uma conotação implícita patológica, pejorativa, higienista, e até criminológica.<sup>3</sup>

Evidencia-se através da história que esses modos de se relacionar, no tocante à escolha de objeto sexual, vêm passando por muitas mudanças. Como se pode verificar, na Roma antiga ou mesmo na Grécia se considerava absolutamente normal que ocorressem relações íntimas entre homens mais velhos e jovens, pois estes últimos esperavam através dos relacionamentos obterem dos mais velhos suas virtudes e conhecimentos em filosofia, bem como em outras ciências (RODRIGUES & LIMA, 2009). Na busca de educar os jovens atenienses, e se os jovens rapazes e seus familiares concordassem, quando um rapaz atingia a idade de doze anos, e até que completassem os dezoito, eles assumiam relações íntimas de forma passiva com homens de mais idade. Quando completavam vinte e cinco anos, eles próprios poderiam passar para o papel ativo nas relações e iniciar garotos jovens em suas vidas sexuais. Sob esse ponto de vista, era um costume altamente moral e com finalidade educadora.

É de conhecimento que o próprio Sócrates, filósofo grego, era partidário do amor homossexual, pois acreditava que “o coito anal era algo que propiciava inspiração aos filósofos” (Ibid., loc. cit., s/p), enquanto que a relação heterossexual objetivava somente a procriação. Vale ressaltar que Platão, no diálogo *O Banquete*, dignifica a concepção de amor homossexual entre aqueles sujeitos, com os diálogos que ali descreve. Freud (1905/1995) já nos elucidava a esse respeito:

Nos gregos, entre os quais os homens mais viris figuravam entre os invertidos, está claro que o que inflamava o amor do homem não era o caráter masculino do efebo, mas sua semelhança física com a mulher, bem como seus atributos anímicos femininos: a timidez, o recato e a necessidade de ensinamentos e assistência. Mal se tornava homem, o efebo deixava de ser um objeto sexual para o homem, e talvez ele próprio se transformasse num amante de efebos. (ibid., p.137).

Destarte, durante o período da antiguidade o sexo era visto como algo que não servia somente para procriação, ele também era um meio de obtenção de prazer.

Foi somente com o advento da igreja e seus dogmas, que o discurso sobre o sexo começou a mudar. Foucault (1984, p.58) salienta: “Desde a Idade Média, pelo menos, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais

---

<sup>3</sup> O sufixo *ismo* foi usado pela medicina para designar intoxicação, doença. (Cf. HOUAISS, 2001).

importantes de que se espera a produção de verdade (...)"'. A igreja inseriu sobre a homossexualidade a censura e o pecado, utilizando para isso a ideia de uma *verdade* absoluta, que se podia obter por intermédio de uma confissão.

Henrique VIII, rei da Inglaterra, que em 1533 proclamou como crimes as relações homossexuais, a masturbação e o sexo oral, punindo severamente, quando necessário, qualquer um que transgredisse estas leis. De forma ainda mais radical, em Portugal se instaurou, mediante confissão, uma forma de ritual que operava na busca da produção de uma *verdade*. Como ressalta Foucault (1984):

Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é também um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a pretensão ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; num ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve que suprimir para poder manifestar-se (...). (ibid., p.61).

Durante esse mesmo período, com a instalação da Inquisição, a sodomia passa a ser considerada crime desonesto e sujo, e seu infrator sofre a pena de morte. Uma vez comprovado o ato, o homossexual deveria queimar na fogueira até virar pó, com o objetivo de que nem seu próprio corpo fosse lembrado. Esse é um momento de visão teocêntrica, baseada nos conceitos da igreja, que finda somente com a chegada do Iluminismo, o qual traz a razão científica, empirista, quando se dá também o nascimento da medicina moderna. Esta, por sua vez, tira toda a subjetivação do sujeito, passando a definir doença por intermédio de uma lesão, palpável e visível. A visão médica iluminista ditava que o homossexualismo era uma doença, resultante de uma anormalidade genética, oriunda de problemas mentais familiares. Esse procedimento médico classificava e enumerava as doenças e produzia conhecimento através da percepção superficial. (ibid.).

Aliás, vale lembrar que o termo *homossexualismo* foi criado em 1869, pelo psicólogo alemão Karoly Maria Benkert, que defendia tratar-se de uma doença congênita e hereditária. (RANGEL & AZEVEDO, 2008). Essa posição levou mais de um século para ser alterada, e somente em 1992 a Organização Mundial de Saúde deixa de considerar a homossexualidade como doença, pois, enquanto doença, incomodava, trazia vergonha e culpa social, maior que o próprio pecado.

### 1.3 A TEORIA *QUEER*: GÊNERO E SEXUALIDADE

Como um dos resultados do exposto acima, ocorre a junção de alguns movimentos feministas e gays, e também de algumas teóricas filósofas que fundam a teoria *queer*, surgindo como “(...) herdeira dos *Gays and Lesbian Studies* dos anos 1980 — herdeiros, por sua vez, do grande choque de pensamento que representou o feminismo dos anos 1970 (...)” (BRAUNSTEIN, 2007, p.159). A teoria *queer* tem por objetivo falar das variadas formas de se pensar a sexualidade e o gênero. Vale ressaltar que, por volta dos anos 1990, Teresa de Laurentis, professora nascida na Itália e radicada nos Estados Unidos, empregou pela primeira vez o termo *queer*, ressaltando os relacionamentos que fugiam da normatividade social predominante.

A teoria *queer*, que é um discurso contemporâneo, formada essencialmente pelo pensamento de mulheres *intelectuais* lésbicas, propõe uma desconstrução dos elementos considerados definidores do feminino e do masculino – os pronomes definidos o/a, os/as, por exemplo —, em virtude de suas consequências no cotidiano dos sujeitos. Questiona objetivamente um outro modo de se entender o gênero, as identidades sexuais; busca demarcar dentro do discurso vigente a possibilidade de se pensar certas estratégias de repetição, mantenedoras de um pensamento heterossexual. (LOURO, 2001).

Aliás, o significante *lésbica*, originalmente, dizia respeito somente aos habitantes de uma ilha Grega de nome Lesbos, onde nasceu Safo, considerada a maior poeta lírica de todos os tempos. Seus poemas tratavam de amor e de beleza e eram especialmente dirigidos às mulheres. Ela se reunia sistematicamente com mulheres para declamar seus poemas e, por esta razão, foi, simultaneamente, denegrada por seus amores e glorificada por seu talento. Daí a razão dos relacionamentos homossexuais entre mulheres ficarem conhecidos por lesbianismo. (WIKIPEDIA, *Lésbica*, 2010). Vale ressaltar que desde a antiguidade as mulheres sofriam discriminações no tocante a sua sexualidade de forma diferenciada dos homens, como no citado em *O Banquete*, por exemplo.

Quanto ao termo *queer*, existem várias traduções do inglês para o português. Ele pode ser traduzido por estranho, raro, esquisito, excêntrico, anormal, e traz em si uma conotação pejorativa. (BRAUNSTEIN, 2007) Pode ainda ser traduzido por bicha, sapatão, que são termos que denigrem a imagem dos homossexuais, e dos

quais a maioria das pessoas utiliza para se referirem àqueles que transgridem as normas de sexualidade e gênero vigentes, ou seja, heterossexuais. (ibid.)

*Queer* deve ser registrado, segundo suas teóricas, como algo que pretende esclarecer e subverter os aspectos pelos quais os homossexuais são vistos, quando eles dizem “*we are happy, we are queer, we are here...*”<sup>4</sup>, estão dizendo sobre suas preferências sexuais, e as assumindo. Dizem que vão continuar sendo, e que desta maneira visam positivar os sujeitos aos quais se referem, na tentativa de abandonar o lugar marginalizado que supostamente ocupam. (AZEVEDO, 2008).

Assim, teóricas *queer* o utilizaram para nomear essa teoria com o intuito de oposição, como forma de desvio da ordem social, praticamente como um desafio, escancarando sua posição de contestação de qualquer normalização. Para tanto, problematizam a noção de gênero, buscando entender na sexualidade sua construção histórica. (LOURO, 2001).

Questões relevantes dessa teoria se estabelecem, no tocante às formas de um sujeito definir-se a si mesmo, indo de encontro com várias culturas sexuais que seguem a *heteronormatividade*. Esta é entendida como um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de controle e regulação. Assim, expressa expectativas, demandas e obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como *natural*, servindo, portanto, como dispositivo histórico da sexualidade, pois busca tomar os heterossexuais como modelo supostamente coerente e *natural*. (ibid.). Em suma, a heteronormatividade funciona sob a suposição de normalidade.

Pensando que a cultura opera dentro de uma heterossexualidade social, a teoria *queer* visa refletir sobre as maneiras como se vive a sexualidade, buscando nas construções sociais a *lógica* que estabelece como norma os conceitos de feminilidade e masculinidade. Consequentemente, para as *queer*, ser homem ou mulher está para além da materialidade do órgão genital. (BUTLER, 2001).

Um exemplo que sustenta e questiona essa assertiva foi transmitido no dia vinte e oito de abril de 2010, no canal televisivo inglês *National Geographic*, em um programa chamado *Tabu*. Foi apresentada uma tradição familiar da ilha de Samoa, localizada no extremo sul do oceano Pacífico, na Polinésia, onde as famílias escolhem um de seus filhos homens para se tornar um *fa'afafine*, que significa: nem homem, nem mulher. Esse membro da família vai atuar nos afazeres domésticos,

---

<sup>4</sup> Nós somos felizes, nós somos *queer*, nós estamos aqui.

cuidando da casa, das compras e das crianças. Eles têm o respeito da sociedade e da família por sua condição. Portanto, a identidade do sexo é enquadrada na cultura, como se pode constatar, pois a escolha da identidade é feita pelos membros da própria família. Vale ressaltar que essa escolha se volta para um membro da família que tenha por inscrição no corpo um pênis, pois, segundo o programa, teria mais força física e isto facilitaria nos afazeres domésticos. Essa escolha é aleatória.

Ao definir a anatomia de um corpo, o que a teoria *queer* mais enfatiza é o efeito que eles carregam das práticas discursivas sociais, afirmando que os discursos apresentam corpos sob o aspecto definido de gênero e sexualidade, pois não existem corpos livres, anteriores aos investimentos discursivos. Tais discursos, então, poderiam estar automaticamente travando uma relação direta entre feminino e masculino, e entre os significantes sexualidade e gênero, respectivamente. Butler (2001), uma das mais conhecidas representantes da teoria *queer*, afirma:

Nesse sentido, o que constitui a fixidez de um corpo, seu contorno, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será repensada como o efeito do poder como o efeito mais produtivo do poder. Não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um construto cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria — quer se estenda esta como o “corpo”, quer como um suposto sexo. (ibid., p.154).

As teóricas *queer* partem da premissa de que há uma sequência imposta a ser obedecida, pois nela está estabelecida, na ordem do discurso heterossexual, a ideia de *sexo-gênero-sexualidade* como uma lógica *natural* de funcionamento. A questão, nesse tocante, é a possibilidade de contestação dessa ordem ou, ainda, se ela é de fato *natural*. O questionamento que as teóricas colocam tange o peso que se estabelece sobre um corpo diante do processo que aponta na genitália a definição de gênero. (ibid.)

As lésbicas enfatizam a força da cultura. Assinalam que em uma tatuagem, por exemplo, algo pode marcar um sujeito, pois remete informações para outros, discrimina o tipo de sujeito devido à marca inscrita em seu corpo. Até mesmo um *piercing* ou, ainda, uma pessoa que tenha o corpo malhado em uma academia, entre outras coisas, podem ser uma referência que dá um lugar e que acaba sendo interpretada por pessoas de grupos diferentes de forma a estigmatizá-las. (CARNEIRO RIBEIRO, 2004).

No que se refere aos “diferentes”, a teoria *queer* ressalta que diversos indivíduos vêm se apresentando publicamente como lésbicas, bissexuais,



transexuais, travestis e mesmo *drags*, o que, segundo elas, evidencia como as identidades sexuais são flexíveis. Isso de alguma forma é desafiador, desestabilizador, no entanto, o que alegam é que assim separam-se os corpos da fixidez anatômica diante uma realidade psíquica. (BUTLER, 2001).

Para Foucault (2005), a existência de dois sexos singulares, feminino e masculino, é uma ideia relativamente nova. Em seu livro *A História da Sexualidade: a vontade de saber*, ele afirma que, durante séculos, a humanidade acreditou em um único e verdadeiro sexo, o masculino. As mulheres eram consideradas homens invertidos, e, portanto, inferiores. O fato de serem mulheres, ou seja, não homens, já impunha explicitamente uma questão de poder e dominação. Embora a tradição europeia não acreditasse na existência de dois sexos, ela nunca negou a existência de dois gêneros distintos: masculino e feminino.

O auge da discussão sobre o sexo ocorreu no século XVIII. Foucault (idem) afirmou que o que diferencia o discurso moderno do discurso da antiguidade é que aquele tem sua força em direção a uma verdade científica. Somente a partir do século XVIII, portanto, que o sexo passou a ser investigado sobre todas as suas variações patológicas, desvios e detalhes. Com o surgimento das grandes populações e os problemas decorrentes desta nova realidade, e os sistemas inerentes que surgiram, como médicos, penitenciários entre outros, o comportamento sexual dos indivíduos passou a ser ao mesmo tempo “objeto de análise e alvo de intervenção”. (ibid., p.29)

Com esses embasamentos, a nova teoria *queer* tenta instaurar um método segundo o qual não se faça mais uma diferenciação entre as esferas masculina e feminina. Objetiva esmagar e eliminar as relações de poder que ocorrem entre homem/comandante e mulher/submissa, entre as classes nobres e as classes pobres, entre os próprios homossexuais em que um atua como ativo e o outro como passivo, interrompendo e extinguindo tais tipos de relacionamento.

As teóricas *queer* elaboram um novo tipo de linguagem, em que as formas masculino/feminino vêm lado a lado, sem uma diferenciação notória. Os textos, então, são escritos na terceira pessoa do plural (eles) ou na forma indistinta “o/a”. A partir disso, podemos inferir que a proposta da teoria é a de anular a distinção entre os sexos, mas, sobretudo, qualquer tipo de caracterização.

Uma curiosidade e expressão da presença *queer* está nas novas formas de diversão que podemos encontrar nas festas *rave*.<sup>5</sup> Nelas, há a disseminação do conceito dessa teoria, uma harmonia entre os jovens ditos “liberais”, onde reina a filosofia da paz e do amor, onde todos se drogam e se amam igualmente, logo, todos transam com todos sem qualquer distinção, e disto não se faz uma questão, como se fosse da ordem do *natural*. (WIKIPEDIA, Rave, 2010).

Entre as bases em que se ancora essa teoria, estabelece-se a ideia de mostrar como a identidade é de ordem cultural. Ela responde ao que a sociedade impõe com seus conceitos e significados, quando apresenta a identidade sexual como se fosse uma representação *natural* do sexo biológico. Uma das críticas apontada pelas *queer* sobre a heterossexualidade, que denominam compulsória, se pauta em não se separar a análise da sexualidade da análise de gênero. Elas questionam a razão pela qual o sexo é considerado uma norma e os meios pelos quais uma norma pode materializar um corpo. (BUTLER, 2001). O sexo é um constructo tanto quanto o gênero ou a identidade, e o que se espera diante do nascimento de um sujeito, da realidade de sua genitália, é que os *corpos* respondam segundo a cultura, pois, ao nascer, é dito: é uma menina ou um menino, pela constatação de uma genitália, como se houvesse certa essência, como se algo estivesse determinado anteriormente à cultura, anteriormente à linguagem e, com isso, o corpo já traria passivamente a inscrição de um gênero. Butler (idem, p.167) diz que “A performatividade não é, assim, um ‘ato’ singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas”.

Aliás, *performatividade* é um termo usado por Foucault que coloca em questão não a performance de um sujeito, mas uma dimensão do discurso que tem a capacidade de produzir o ser que ele próprio nomeia. Foucault (1984) cunhou performatividade a partir do linguista norte-americano John L. Austin. Este formulou a teoria da performatividade linguística. Tal conceito consiste num longo processo reiterativo das palavras para tornar concreta a concepção das coisas. Ele argumenta que a linguagem torna-se um discurso formador e delimitador dos objetos. A fala desempenha assim, o papel de instrumento formativo. Performatividade é o ato ritualístico do discurso que concebe as coisas, torna os conceitos inteligíveis, e

---

<sup>5</sup> Tipo de festa com musica eletrônica e duração mínima de 12 horas.

dessa forma a linguagem concebe, molda e institui os objetos. Podemos inferir que é o crivo do “tornar-se”.

Portanto, se a identidade é construída socialmente, tendo como referência posições baseadas em padrões heterossexuais, a heteronormatividade expressaria as obrigações sociais. Butler (2008) ressalta:

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna destino. (ibid., p.26)

Não há um corpo que não tenha sido interpretado pela cultura, e uma forma de se pensar sobre isso é a forte presença das chamadas *Drag Queen*, que quando “montadas”, ou seja, ao se travestir de forma exagerada, fazem na verdade uma denúncia — pois têm uma função política —, revelando o semblante do sexo e do gênero. Isso seria o mesmo que dizer que o gênero é resultado de um discurso performativo, o qual afirma que os sexos não têm nenhuma validade intrínseca, ontológica, comprovando que o gênero é da ordem do representar. (LOURO, 2001). Assim, performatividade é a forma em que a *drag* aponta que o gênero pode ser construído, exatamente por assumir uma transitoriedade. É a desnaturalização do laço entre sexo e gênero e a exposição dos mecanismos culturais que produzem a coerência da identidade heterossexual. Não há identidade de gênero.

Uma historiadora e professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pesquisadora do CNPq, que coordena desde 1990 o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero), Guacira Lopes Louro, a maior representante da teoria *queer* no Brasil, apresenta a visão *queer* sobre a *drag queen*:

Para as fronteiras constantemente vigiadas dos gêneros e da sexualidade, a crítica paródica pode ser profundamente subversiva. Em sua imitação do feminino, uma *drag queen* pode ser revolucionária. Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio. (LOURO, 1997, p.20).

Uma *drag* mostra propositalmente sua sexualidade ambígua, tem mais que um gênero, mais que uma identidade, sublinha Louro (idem). Ela fabrica seu próprio corpo e o assume explicitamente, não pretende se passar por uma mulher de fato. Ela, em verdade, incorpora a mulher como um papel a desempenhar. Por intermédio da *drag*, podemos inferir com Louro que determinados códigos culturais (tais como o

batom, o esmalte, os cílios postiços, a vestimenta) acabam determinando o gênero não como algo *natural*, e sim como uma mera construção. Sendo assim, ele pode ser desconstruído, e essa é uma das denúncias da teoria *queer* a se pensar.

Lembrando os códigos culturais, podemos citar a comédia *As Preciosas Ridículas*, peça de Molière, dramaturgo francês, escrita em 1659. Nela, Molière apresentou damas da corte que fizeram um movimento para ensinar aos homens a amar. Fato esse ocorrido em virtude dos homens franceses estarem voltando da guerra e se mostrarem muito grosseiros e rudes, o que levou as duquesas, marquesas e outras mulheres a criarem códigos para explicar aos homens os passos necessários para se comunicarem de forma mais bela. Para tal, se fazia necessário usarem de metáforas, tanto para se falar das funções do corpo, como para se dirigirem as partes do corpo. Pintas (sinais), então, eram colocadas em distintas partes do corpo, como rosto, colo, pescoço, entre outras posições, mostrando certos significados como, por exemplo, se estavam ou não interessadas no cavalheiro, se queriam um presente; os movimentos dos leques também completavam essa nova veiculação da linguagem: abertos, fechados ou em certos movimentos, tinham seus significados. Essas mulheres criaram com as metáforas novas formas de comunicação, linguagem propriamente dita.

Voltando à teoria *queer*, recentemente, em um artigo da revista *Época*, datado de treze de julho de 2009, intitulado “Nem João nem Maria”, de Kátia Mello e Martha Mendonça, tivemos a oportunidade de ler sobre Pop, uma criança sueca sem gênero definido. Isso está sendo possível porque o casal de lésbicas que a cria quer que Pop “cresça com maior liberdade e que não seja forçado(a) a um gênero que o(a) moldará” (MELLO & MENDONÇA, 2009). Conta a matéria que essa criança, cujo sexo muito poucas pessoas sabem qual é, decide ela própria, a cada dia, se quer vestir roupas de menina ou de menino, se quer brincar de bonecas ou de carrinhos. Exemplo extremado de um movimento antigênero. A prática da teoria *queer*, deixar ocorrer a assunção do sexo naturalmente, busca mostrar que gênero não é a essência de alguém. Com isso, um sujeito que nasce mulher dentro de um saber biológico não necessariamente tem apenas uma escolha sexual, ou seja, pelo sexo masculino. Nos perguntamos, o que será de Pop, visto que se tem notícia de um fato como este, pela primeira vez na história.

Outro caso bastante divulgado na mídia atual é Shiloh, uma das filhas do famoso casal americano Brad Pitt e Angelina Jolie, ambos os atores de Hollywood.

Shiloh, menina de quatro anos de idade, disse aos pais “*quero ser um menino*”. A mãe, bissexual assumida, alega que Shiloh gosta de usar tudo de meninos, desde as roupas até mesmo os brinquedos: “Ela pensa que é um dos meninos”, disse Angelina Jolie em entrevista a *Vanity Fair*, revista americana. Angelina Jolie, em resposta a afirmativa da filha, cortou seu cabelo bem curtinho, apoiando-a em sua escolha. (MARQUES, 2010).

Shiloh e Pop estão aí para sustentar uma visão *queer* sobre a sexualidade, no tocante a abrir um espaço para a decisão das crianças, ao que elas pretendem ser, ou dito de outra forma, à sua escolha de objeto. Vale ressaltar a forma como os pais lidam com a sexualidade dos filhos, pois está diretamente ligada com a maneira que lidam com sua própria sexualidade. Seria viável afirmar que Shiloh é homossexual? Não sabemos, o prudente é esperar sua assunção subjetiva do sexo.

Destarte, a teoria *queer* denuncia que não existem papéis sexuais inscritos na natureza humana por intermédio dos genitais, mas, antes, existem formas socialmente impostas para se desempenhar papéis sexuais. Por essa razão, o objetivo da teoria *queer* é ir além das teorias feministas que buscam discutir homens *versus* mulheres, mas aprofundar os estudos sobre os discriminados na área da sexualidade e qualquer outro tipo de discriminação.

Estas mulheres teóricas da teoria *queer* são fortemente influenciadas pela obra de Michel Foucault, considerado o “papa” do construcionismo. Para Foucault nada deve ser tomado em sua obviedade, porque não há essência, tudo é construído. Assim, o homem é resultado da cultura e torna-se *natural* por relação de forças. Para ele, a verdade foi naturalizada:

O sexo, essa instância que parece dominar-nos, esse segredo que nos parece subjacente a tudo o que somos, esse ponto que nos fascina pelo poder que manifesta e pelo sentido que oculta, ao qual pedimos revelar o que somos e liberar-nos o que nos define, o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento. (FOUCAULT, 1984, p.145).

A corrente foucaultiana trata a homossexualidade como algo decorrente da história e da escolha do sujeito, e não como da ordem do hereditário ou inato, como defendem outras correntes. As críticas feministas destacam que a sexualidade é um constructo histórico específico, e que a sociedade oprime aqueles que se encontram fora de sua categoria de normalidade. (BUTLER, 2001).

O que está em jogo quanto ao diferente é o que Butler (idem) chamou de *imperativo heterossexual*. Este serve de parâmetro para formar sujeitos que se enquadrem nas normas, baseados nesta matriz excludente ou, dito de outra forma, sujeitos viáveis. Grande parte do trabalho de Butler é resultado da leitura de Foucault sobre a afirmativa de que os regimes disciplinares são formadores de subjetividade. Ela afirma:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (ibid., p.155)

Segundo Butler (idem), o sujeito acaba se constituindo pelo domínio do discurso heterossexual, sob a força do poder de exclusão e na busca de uma identificação com o que é normativo ao sexo. A nomeação do sexo como masculino ou feminino passa, assim, a ser um ato de dominação e coerção que impõe as normas sociais através da construção do gênero. Sendo assim, a homossexualidade acaba ocupando o lugar de inversão de uma relação natural entre sexo e identidade sexual. Tal dominação parte de qualquer transgressão do que está estabelecido e legitimado como apropriado e determinado por um pensamento heterossexual, que acaba por ser o parâmetro que define os sujeitos que podem ser considerados como diferentes ou desviantes.

As teóricas lésbicas entendem gênero como sendo uma identidade construída através do tempo, que incorpora gestos, movimentos e estilos, de acordo com a cultura vigente; como o mecanismo em que as noções de masculino e feminino são produzidas. Esses conceitos são discursivamente e socialmente construídos, respondendo ao binarismo masculino/feminino através da força da linguagem. Numa ótica desconstrutiva, seria necessário demonstrar, através de suas implicações, como uma forma de sexualidade teria passado à norma. Para Louro (1997), é quando o corpo se torna referência central:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual de classe média urbana e cristã e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir desta referência. Dessa forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (ibid., p.15)

Louro (idem) postula que a sociedade tende a rotular os sujeitos e, a partir destes fixar a identidade que irá separar ou distinguir alguns sujeitos de outros, provocando em muitas ocasiões a violência e a discriminação. As teóricas *queer* afirmam que a partir do modo como pensamos o corpo e respondemos diante da materialidade deste corpo, deduz-se o gênero e, conseqüentemente, a identidade sexual. Os sujeitos devem se submeter a essa ideia como se existisse uma inclinação inata na escolha de objeto, em resposta à intensa força exercida pela sociedade por intermédio da performatividade. Para Louro, um ato performativo, ato de linguagem, produz um acontecimento sobre os indivíduos, uma vez que estes são efeitos de linguagem, e esta condiciona a posição do sujeito.

Concluimos com Butler (2001):

A performatividade não é, assim, um “ato” singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o *status* de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição. Além disso, esse ato não é primariamente teatral; de fato, sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada (e, inversamente, sua teatralidade ganha uma certa inevitabilidade, dada a impossibilidade de uma plena revelação de sua historicidade). (ibid., p.167).

#### 1.4 UMA VISÃO QUEER SOBRE A PSICANÁLISE

Com posições muito intrigantes, Monique Wittig (1935-2003), escritora e inspiradora da teoria *queer*, publicou seu primeiro romance em 1964, *L'opoponax*. Contudo, o seu segundo livro, *Les Guérillères* (Os Guerrilheiros) é que foi considerado um marco no movimento feminista. Wittig, uma intelectual do movimento *queer* que se intitulava “lésbica radical”, doutora pela *École des Hautes Études en Sciences*, em Paris, pronuncia em 1978 um discurso bastante divulgado nos meios acadêmicos, entre outros, intitulado “O Pensamento Hetero”. Neste, ela destaca a importância da linguagem e suas conseqüências no cotidiano dos seres humanos, denunciando as falácias do “pensamento heterossexual”.

A autora militante política destaca a linguagem quando afirma: “porque a linguagem relaciona-se com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou mais ainda, uma rede de poderes...”. (WITTIG, 1978, s/p). Tal afirmativa se apoia no desenvolvimento da linguística e, conseqüentemente, no que este campo influenciou e acrescentou a vários ramos da ciência.

Em particular, Wittig refuta a antropologia, sobretudo a de Levi-Strauss, no que tange à teoria de que os grupos sociais, ou melhor dizendo, a cultura se fundou na exogamia (troca de mulheres entre as tribos), na medida em que a endogamia passou a ser proibida. Ataca a psicanálise lacaniana, bem como a todos os psicanalistas de forma radical; em suma, a qualquer ciência que tenha por base o estruturalismo. No seu discurso, “O Pensamento Hetero”, ela diz:

Temos de tornar brutalmente claro que o estruturalismo, a psicanálise e particularmente Lacan, transformaram rigidamente seus conceitos em mitos – o Desejo, a Diferença, o Nome-do-Pai etc. Estes psicanalistas até sobremitificaram os mitos numa operação que lhes era necessária para sistematicamente heterossexualizarem aquela dimensão pessoal que repentinamente surgiu no campo histórico através dos indivíduos dominados, particularmente através das mulheres, que encetaram suas lutas há quase dois séculos. (WITTIG, 1978, s/p).

Wittig (1978) explica o pensamento hetero como opressivo, que traz em seus conceitos leis gerais que devem ser obedecidas por todos, em qualquer época e de forma indistinta. Assim, uma sociedade de pensamento hetero oprime qualquer sujeito classificado como diferente, sendo primeiramente ela própria a constituir a diferença, exercendo poder sobre os considerados “diferentes”. Em suma, o pensamento hetero, para Wittig, é o pensamento de dominação, tratando-se basicamente de um *imperialismo heterossexual*.

Em uma visão sobre o texto freudiano *Totem e Tabu*, muito embora não o tenha explicitamente mencionado, Wittig questiona a leitura freudiana do nascimento da civilização. Ela comenta que a ideia de que “a troca de mulheres” é “condição necessária para cada sociedade” propicia a opressão vigente sobre as mulheres. Ressalta ainda o que há de opressor na ideia de que existe somente um inconsciente, e que este deve necessariamente ser heterossexual. (Wittig 1978.)

Quando se dirige à psicanálise, Wittig (1978) menciona que o inconsciente se estrutura por metáforas, fala dos mitos e cita o Nome-do-Pai, o complexo de Édipo, a castração, e se pergunta como decifrar o inconsciente, visto que somente os psicanalistas estão autorizados, ou capacitados, a fazer tal deciframento. Ao mesmo tempo, lança críticas pesadas sobre Lacan, dizendo que o inconsciente, com sua estrutura metafórica existe sim e de maneira bastante consciente: com o objetivo de atender aos interesses de uma sociedade estruturada em um pensamento heterossexual. Ela afirma que o famoso aforismo de Lacan, “o inconsciente é



estruturado como uma linguagem”, é mantenedor de um pensamento repressor. E sublinha:

Mas quem irá negar que Lacan descobriu cientificamente, através da “experiência analítica” (de alguma forma uma experiência) as estruturas do inconsciente? Quem será suficientemente irresponsável a ponto de ignorar os discursos das pessoas psicanalisadas deitadas nos seus divãs? Na minha opinião, não há dúvida que Lacan encontrou no inconsciente as estruturas que disse que lá encontrou, pois tinha-as previamente posto lá. (Ibid.).

Wittig (idem) acredita que na relação analítica existe um opressor e um oprimido, sendo o oprimido o analisante cuja função única seria de dizer ao analista o que este quer ouvir. Compara a análise com a caça às bruxas, em que tais mulheres tinham que dizer aos inquisidores o que eles exigiam. A autora pensa também que o tempo que leva uma análise é “deprimente”, pois esta relação, que ela chamou de “contrato”, pode durar a vida toda, e o sujeito acaba explorado econômica, política e ideologicamente, ficando na mão de seu “opressor”, obrigando-o a tratar de seus infortúnios.

Pensar em norma ou em relação de poder não é pensar *queer*, pois *queer* é exatamente tratar do subversivo, de desconstruir o pensamento normativo que se localiza fora de uma lógica segura. Muitas estudiosas e militantes desse movimento contemporâneo são unidas sob vários aspectos, mas nem sempre pensam da mesma maneira, dando origem a uma grande variedade de ideias. Assim, a teoria *queer* constitui um grande e variado empreendimento de diversas áreas, no qual, podemos afirmar, falta uma unidade de pensamento, ou seja, uma coerência.

No próximo capítulo, trataremos de alguns conceitos doutrinários da psicanálise abordados por estas teóricas *queer*, em especial a sexualidade feminina, tal como foi elaborada por Freud e Lacan.

## 2. PSICANÁLISE E SEXUALIDADE

Em 1905, com a publicação do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud provocou uma ruptura no modo de se pensar a sexualidade humana. Diante dos conhecimentos de sua época, subverteu o pensamento vigente, convocando a comunidade científica vienense a repensar seu posicionamento sobre a sexualidade vinculada à reprodução.

A questão fundadora e central do inconsciente que Freud proclamou diz respeito à sua natureza sexual. Vale lembrar que essas questões eram reprimidas, já que se tratava do final do século XIX, plena era vitoriana (1837-1901). Época ambígua, pois, por um lado, era marcada por invasões colonialistas que traziam em si proliferações de bordéis infantis que coexistiam, por outro lado, com uma grande repressão sexual, um puritanismo moral. Tratava-se inclusive de um período em que a homossexualidade era considerada crime. (FOUCAULT, 1984). Mesmo diante de tal fato, Freud ousou trazer a sexualidade para o cerne da constituição do sujeito, apontando para uma bissexualidade inerente ao sujeito. Freud revela:

Desde que me familiarizei com a noção de bissexualidade, passei a considerá-la como o fator decisivo e penso que, sem levá-la em conta, dificilmente se poderá chegar a uma compreensão das manifestações sexuais efetivamente no homem e na mulher. (FREUD, 1905/1995, p.208).

Nesse mesmo texto, Freud (idem) fala de uma sexualidade desviante, apresentando a sexualidade humana como aberrante, sendo ela infantil é prematura e inadequada, por não estar a serviço da reprodução.

Desde os primórdios, as pesquisas freudianas se pautaram em uma bissexualidade constitucional humana, pois Freud apresentou o objeto como variável

e contingente e que sua escolha dependeria das vicissitudes da vida de cada sujeito. Significa dizer, é dada a possibilidade de *escolha* a todo ser falante, fato esse que pode ser constatado por intermédio das correspondências que mantinha com seu amigo Fliess, médico otorrinolaringologista — nas cartas de 6 de dezembro de 1896, 4 de janeiro de 1898, 15 de março de 1898, 1 de agosto de 1899, 30 janeiro e 7 agosto de 1901. (FREUD, 1950[1892–99]/1995).

Wilhelm Fliess foi um amigo muito próximo de Freud. Era oriundo de uma família judia e foram apresentados por um amigo comum, também médico, Joseph Breuer. Fliess mostrava interesse em estudar a sexualidade. Manteve correspondência com Freud por um período de dezessete anos, sendo considerado o primeiro analista, isso em virtude do próprio pai da psicanálise tê-lo colocado neste lugar, como se pode verificar em suas correspondências. (MASSON, 1986).

Estruturando o conceito de bissexualidade como uma das bases psicanalíticas, temos, em uma de suas cartas dirigida à Fliess, datada de seis de dezembro de 1896: “Para explicar porque o efeito da experiência sexual prematura é, ora a perversão, ora a neurose, valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos”. (FREUD, 1950[1892–99]/1995, p.213). Freud sustentou sua posição sobre a bissexualidade durante toda a edificação da psicanálise, pois mesmo em suas obras tardias, em 1933, por exemplo, tendo por base a bissexualidade, pensava que havia algo do ser mulher em confronto com o tornar-se mulher, mesmo diante das interferências dos elementos culturais: “(...) a psicanálise não tenta descrever o que é uma mulher — seria esta uma tarefa difícil de cumprir —, mas empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual”. (FREUD, 1933b/1995, p.117).

Em suas pesquisas, Freud encontrou na disposição bissexual a explicação para a inversão — forma de se dirigir à homossexualidade na época — articulada à história de vida do sujeito. E conclui: “Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre pulsão e objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve lá sua origem aos encantos deste.” (FREUD, 1905/1995, p.140).

Freud deve a Fliess o nascimento da ideia sobre a bissexualidade, mas foi Freud quem a colocou como fator psíquico, contrapondo Fliess, que a mantinha em um plano biológico. Ponto responsável pela discórdia entre os amigos:

Não compreendo sua resposta a respeito da bissexualidade. Obviamente, é muito difícil nos entendermos. Decerto não tive nenhuma intenção de fazer coisa alguma senão elaborar minha própria contribuição para a teoria da bissexualidade, aperfeiçoando a tese de que o recalçamento e as neuroses e, portanto, a independência do inconsciente, pressupõem a bissexualidade. (FREUD, 1950[1892–99]/1995, p.45l).

Freud, desde 1886, já mencionava que a criança era dotada de uma disposição bissexual, o que nos leva a inferir, diante da data, que em todo o seu percurso pesquisou voltado a desnaturalizar masculino e feminino, quando apontou para uma sexualidade não pronta, pelo menos não somente a partir da anatomia de um corpo. Ele afirma que não existe uma relação de dependência entre o sujeito e sua escolha de objeto, pois não é possível fazer um direcionamento nesta escolha. (FREUD, 1905/1996).

Destarte, Freud (idem) afirmou que o sexo não é natural, pois nada há de natural no ser falante. A pulsão é a desnaturalização do instinto pela cultura, pela civilização. A pulsão é doadora de corpo, em outras palavras, eleva a carcaça humana à dignidade de corpo. Freud promoveu um deslocamento da relação entre a sexualidade e o biológico, mostrando a necessidade de um trabalho psíquico que deve ser feito por parte do sujeito para que possa ocorrer uma amarração simbólica.

A antropologia, com seus estudos sobre crianças selvagens, já demonstrou que homem não é um ser natural, em virtude de não apresentar nenhum tipo de comportamento adaptativo como os animais, ou seja, não sobrevive sem o cuidado de um outro, é um ser dependente. Dor comenta:

O homem, com efeito, participa da natureza por sua inscrição incontornável na dinâmica edipiana que é fundamentalmente ordenada pela dialética do desejo em face da diferença sexual. Em outras palavras, é porque a lei da proibição do incesto é capaz de estabelecer o limite entre o natural e o cultural que a ordem edípica pode, legitimamente, apresentar-se como o substrato universal que designa a dimensão do natural no homem. (DOR, 1991, p.29).

A cultura pode ser pensada como o quê há de *natural* no homem, representada pela proibição do incesto. Assim, um corpo parte, como lemos na pena de Freud, de uma bissexualidade como base para uma “escolha” da assunção subjetiva do sexo. Segundo a psicanálise, cada sujeito escolhe entre a sexualidade masculina ou o *sinuoso* caminho para a sexualidade feminina, pois, independentemente da escolha de objeto, somos todos bissexuais. Com isso, podemos afirmar que a sexualidade não é uma aquisição natural, mas sim uma saída possível de conflitos. (CARNEIRO RIBEIRO, 2009).

No início de suas pesquisas, Freud (1893–99/1995) se deteve na teoria do trauma e da sedução, escutando as histéricas que alegavam terem sido abusadas sexualmente por seus pais, o que *a posteriori* constatou que as “verdades” encontradas nos discursos de suas pacientes histéricas não passavam de uma fantasia, criada por elas mesmas. Em sua carta de vinte e um de setembro de 1897, diz a Fliess: “Não acredito mais em minha neurótica” (FREUD, 1950[1892–99]/1995, p.309). Freud conclui que o afeto sexual estava diretamente relacionado a uma fantasia, e esta por sua vez estava ligada à *realidade* psíquica do sujeito, o que desafiava os conhecimentos da época.

A realidade psíquica é o sentido do que aconteceu a um sujeito que não deriva do acontecimento em si, mas das articulações atuais entre aqueles e as representações que o sujeito faz, sempre prontas a rearranjos e novas significações. (GARCIA-ROZA, 2005) Para a psicanálise o conceito de *verdade* está diretamente ligado à realidade psíquica. A “*verdade*” dos discursos das histéricas levou Freud a se direcionar na contramão deste conceito estabelecido pelas áreas da filosofia, da ciência e mesmo da cultura. Estas se baseiam no paradigma cartesiano, “Penso, logo sou”, de uma ciência que se pauta no verdadeiro x falso da lógica, da razão consciente. Carneiro Ribeiro (2004) nos elucida:

O equívoco dessa linha de pensamento está no fato de acreditar que a verdade é o efeito de uma comprovação, e não a causa do sujeito do inconsciente que apreende a realidade através da tela da fantasia. Em outras palavras, não há um saber total, não porque haja algo de inefável e inapreensível no universo, mas sim porque o homem que apreende o universo e pensa sobre ele é marcado pela castração. (ibid., p.49).

Com a introdução do conceito de inconsciente, Freud se distanciou da ideia de uma razão ligada a uma consciência — à qual servia como modelo de verdade para todos — subvertendo o *cogito* cartesiano, pois demonstra que o sujeito “é onde ele não pensa e pensa onde ele não é”. (QUINET, 2003, p.13). Tal assertiva lhe permitiu interrogar sobre a verdade das coisas e a certeza do pensamento, e considerou que na relação com o outro existia o atravessamento do sujeito, a interpretação, e este era o ponto principal, ancorado na subjetividade que embasava a singularidade da *verdade* de cada sujeito. (GARCIA-ROSA, 2005).

Com base nessa discussão, Freud foi edificando a teoria psicanalítica, ou seja, através da escuta do sofrimento de suas pacientes. Uma paciente sua, Fanny Moser, caso apresentado no texto “Estudos sobre a histeria” (FREUD, 1893–

95/1995), conhecido como o caso Emmy von N., pediu a ele que se calasse e a escutasse: “Fique quieto! — Não diga nada! — Não me toque!” (ibid., p.85), e, ao atender o pedido dela, portanto, se calando, deixando-a falar, pode propiciar uma diminuição de seu sofrimento. A partir daí, Freud ao escutar a dica clínica que sua paciente lhe dera, os sujeitos puderam falar sobre os conflitos que lhes causavam sofrimento, e, como resultado desse espaço aberto à fala, puderam construir um sentido para os sintomas apresentados, os quais aparentemente não tinham nenhum. Com sua escuta, Freud encontrou nos discursos a presença de um sexual em demasia. Assim, a psicanálise se firmou através da importância que atribui à fala, à linguagem, ao aparecimento do inconsciente nos discursos.

Freud pôde perceber que as histéricas tinham uma *verdade* sobre si, a qual elas desconheciam. Assim, para poder entender a respeito dessa *verdade* sexual, Freud se utilizou do recurso do mito, se pautando na peça de Sófocles, *Édipo-Rei*. Para a psicanálise, o mito tem um estatuto privilegiado, na medida em que vem suprir o que é da ordem do indizível, do que não pode ser dito, suprimindo algo que escapa ao saber. Segundo Maurano (2001):

O mito tem sempre relação com o âmbito do sentido; é a tentativa de capturar o que está no Real incompreensível. A psicanálise não visa fixar o homem nesse âmbito, mas sim conduzi-lo num percurso de travessia do sentido. É preciso esgarçar o sentido onde se aloja a “espaçosa” subjetividade. Isso significa atravessar o fantasma que tenta fazer a conjugação do sujeito ao objeto. É preciso ir além do mito para tocar aquilo de que se trata na psicanálise. Ela não é absolutamente uma hermenêutica. É nessa medida que a dimensão do ato que compõe a representação trágica, exhibe o sujeito enquanto fruto de uma divisão, divisão que se aloja no seio do campo do sentido. (ibid., p.185).

E partindo destes estudos, Freud universalizou esta travessia para os sujeitos, e a utilizou enquanto doutrina para a psicanálise. Em suma, o complexo de Édipo é a ficção que para os neuróticos tampona a falta do saber sexual. Freud (1924) o apresenta como uma representação inconsciente dos desejos amorosos sexuais e hostis que a criança sente em relação aos pais. Édipo não apenas como o mito grego, mas também como estruturante, da constituição de um sujeito.

## 2.1 - O COMPLEXO DE ÉDIPO – VERDADE E FICÇÃO

O inconsciente freudiano é atravessado pelos desejos incestuosos e criminosos. Freud fala da travessia do complexo de Édipo como nuclear das

neuroses, pois em seu final, no melhor das hipóteses, acontece um rompimento dos os laços libidinais entre mães e filhos — na verdade o rompimento é o recalque, ou seja, o sujeito não sabe mais disso —, ponto primordial para o caminho da neurose.

Se utilizando da tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*, representada pela primeira vez por volta do ano 430 a.C., em Atenas, a qual retrata um sujeito em busca da *verdade de sua origem*, Freud (1950[1892–99]/1995) levanta dois pontos centrais: o desejo pela mãe, o incesto propriamente dito, bem como o desejo criminoso de assassinar o pai.

A tragédia é uma ação que comove o sujeito, levando-o a uma catarse do terror. Os sujeitos neuróticos, inconscientemente edipianos, têm a marca do crime do incesto e do assassinato, são responsáveis por seus crimes inconscientes. Todo esse fascínio causado pela tragédia no sujeito chamou a atenção de Freud, que a partir de suas observações clínicas e da peça de Sófocles mostrou a céu aberto os desejos inconscientes com o qual estruturou a psicanálise. Quinet (2002) elucida:

A descoberta do Édipo é contemporânea da descoberta da própria psicanálise em 1900, na *Traumdeutung*, Freud demonstra seu interesse pela estrutura geral da peça de Sófocles — Édipo mata seu pai e se casa com sua mãe —, que ele encontra nos sonhos como desejos inconscientes. (ibid., p.90).

Vale ressaltar que o próprio Édipo não fez tal travessia, pois quem a faz não mata o pai, tampouco desposa a própria mãe. A peça de Sófocles trata exatamente destes dois crimes. Portanto, Freud descobre que a fantasia individual é a versão singular de um mito universal. (FREUD, 1950[1892–99]/1995).

Contaremos a história de Édipo Rei, a partir da leitura da tragédia escrita por Sófocles (2006). Nascido em Tebas, filho do rei Laio com sua esposa, Jocasta, Édipo foi entregue a um pastor para que fosse levado para o alto do Monte Cetéron, e lá morresse. Tal se deu devido à profecia do oráculo do deus Apolo, em Delfos, que predisse que Laio encontraria a morte nas mãos de seu próprio filho. Édipo teve os tornozelos perfurados e os pés amarrados, de modo que não pudesse se mover. Esta foi a origem do seu nome, dado pelo pastor, e que significa “pés inchados”.

O pastor, entretanto, não conseguindo abandonar a criança à morte, conforme lhe havia solicitado o rei, entrega-a a outro pastor que a leva até Pólipo e Mérope, Rei de Corinto e sua esposa, que não tinham filhos. Estes ficam muito felizes e criam a criança como a um filho. Conforme crescia, comentários atormentavam Édipo, os quais diziam que ele não seria filho legítimo do casal que o

criava. Édipo decide então viajar para Delfos e consultar o oráculo, que não lhe revela quem eram seus pais, mas disse-lhe que estava destinado a matar seu pai e desposar sua própria mãe. Horrorizado com o que ouviu, acreditando que mataria Pólibo e desposaria Mérope, deixou Delfos, resolvido a nunca mais voltar a Corinto.

Na mesma época, Laio, seu pai verdadeiro, também viajava nas redondezas de Delfos. Em um ponto da estrada, onde três caminhos se encontravam, um dos integrantes da comitiva de Laio ordenou rudemente que Édipo, que por ali passava, saísse do caminho. Uma acirrada discussão se iniciou e quando a carruagem se aproximou, o próprio Laio golpeou Édipo, que reagiu e acabou por abater seu verdadeiro pai.

Continuando sua caminhada, Édipo chegou a Tebas, cidade de Laio, que estava sendo ameaçada pela Esfinge: aqueles que falhassem ao tentar solucionar o enigma proposto por ela eram jogados em um precipício. Com a morte de Laio, quem solucionasse o enigma receberia o trono e desposaria a rainha Jocasta, e livraria a região da maldição da terrível Esfinge, que lança a Édipo: “Qual animal que tem quatro patas pela manhã, duas ao meio-dia e três à noite?”.

Édipo soluciona o enigma identificando seu sujeito como o “homem, que quando bebê engatinha, de quatro, cresce e anda em duas pernas, e com a idade necessita do suporte de uma terceira perna, uma bengala”. Enraivecida com a solução do enigma, a Esfinge provocou a sua própria morte, jogando-se no precipício.

Os cidadãos de Tebas fizeram Édipo seu rei, que por sua vez casou-se com Jocasta, sua verdadeira mãe. Dessa união nasceram dois filhos, Etéocles e Polinece, e duas filhas, Antígona e Ismênia. Viveram felizes por muitos anos, até que uma nova peste tomou conta de Tebas.

Novamente consultado, o oráculo diz que para tudo voltar ao normal era necessário que se encontrasse o assassino de Laio e que este fosse banido definitivamente de Tebas. Tirésias, o grande vidente cego, foi também consultado e revelou finalmente a verdade sobre o crime, esclarecendo a identidade e a história de Édipo. Jocasta, humilhada e envergonhada, suicidou-se. Édipo, ao lado do corpo de sua mãe, vazou seus próprios olhos com o alfinete retirado de suas roupas. Conforme conta Maurano (2001):

Quando tudo parece calmo em Tebas, a peste aterroriza novamente e acusa uma falta no nível do saber. Para que ela se acalme, é preciso saber



quem matou Laios. Édipo toma para si esta tarefa. E ele atinge enfim, verdadeiramente, o saber desejado, mas ao preço de não mais ver. Fura seus olhos face ao horror de saber sobre seus atos, e em seguida não pode mais agir sem ajuda do outro, salvo no momento em que ele caminha em direção a sua desapareição em Édipo em Colona. (ibid., p.75).

Vale ressaltar que o ato de vaziar os próprios olhos, a auto-enucleação, é um representante da castração, conjunto de fantasias e angústias, ou seja, a punição por ter assassinado o pai e mantido relações sexuais com a mãe, resultando em castigo e trazendo em si o sentimento de culpa.

Enfim, expulso da cidade por Etéocles e Polinice, Édipo partiu para o exílio acompanhado por Antígona, sua filha, que o guiou até Ática, onde foi acolhido pelo Rei Teseu. Édipo morreu num bosque sagrado e foi convertido em herói protetor da Ática. A maldição de Édipo foi transmitida a seus filhos, que tiveram igualmente destinos trágicos.

Freud (1950[1892–99]/1995), diante de seus estudos sobre a referida peça, escreve a Fliess, em quinze de outubro de 1897, revelando que a partir de sua própria análise pôde estabelecer a validade universal da lenda grega como uma importante chave para a compreensão do psiquismo humano:

Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas (...). Se assim for, podemos entender o poder da atração do *Oedipus Rex*, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino; e podemos entender porque o “teatro da fatalidade” estava destinado a fracassar tão lastimavelmente. (ibid., p.273).

Freud (idem) vai designar como complexo de Édipo uma fase crucial do processo de desenvolvimento *normal* da criança: o desejo de envolver-se sexualmente com o genitor do sexo oposto, aliado a um sentimento de rivalidade em relação ao genitor do mesmo sexo, constituintes essenciais do acervo psíquico do sujeito. Portanto, o papel principal na vida mental de todas as crianças, que posteriormente se tornam psiconeuróticas, é desempenhado por seus pais.

O complexo de Édipo é um conceito universal, como Freud (1925/1995) nos diz: “o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade, pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo.” (p.285), e resalta que o sujeito disso nada quer saber, e por isso recalca. No entanto, o sujeito ao matar o pai, longe de se livrar dele, introjeta-o, inserindo-se na lei. Esta travessia vai envolver todos os

sujeitos, mas tal desenvolvimento psicosssexual se mostra de forma diferente nos meninos e nas meninas.

O pai aparece, portanto, como um interditor, apontando a mãe como proibida, barrada, e tal função paterna possibilita a fundação da civilização, com a interdição do incesto. (DOR, 1991). Podemos inferir diante do exposto que o pai como portador de uma norma, como ameaça, proíbe a criança gozar com a mãe.

A sexualidade está para além do biológico, do anatômico, e para funcionar precisa de uma identidade sexual, identidade esta que não vem biologicamente pronta, ela é simbólica — posição subjetiva que ancora o modo do sujeito viver sua sexualidade. Em outras palavras, a inserção no campo do desejo é a resposta aos complexos de Édipo e de castração, quando deve ocorrer a assunção subjetiva dos sexos. A condição masculina e feminina não vem pronta, há um trabalho a se responder, e dependendo de como o sujeito se organiza se tornará um ou o outro. Tal escolha é uma defesa inconsciente que se estabelece diante do complexo de Édipo e do complexo de castração.

## 2.2 - COMPLEXO DE ÉDIPO NOS MENINOS

Para os meninos, o foco do prazer está em seu pênis, parte de seu corpo que será privilegiada, pois é a mais rica em sensações e vai se tornar a zona erógena dominante. Com o passar do tempo, o pênis é também o mais amado e o que requer mais atenção: possuí-lo é símbolo de poder e de virilidade. Assim, o pênis se torna aos olhos dos meninos e das meninas o representante do desejo de ter um falo (POLI, 2007).

Ao se deparar com o corpo nu feminino, desprovido de pênis, o menino percebe que existem seres *castrados*. Essa identificação imaginária servirá de base para uma operação simbólica, quando surgem então as fantasias de o perderem, pois se existem seres sem pênis, castrados, o menino teme que também possa perder o seu. (idem, *ibid.*) Freud (1923b/1995) nos elucida no tocante a descoberta dos meninos sobre a diferença sexual: “No decurso dessas pesquisas a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham.” (p.159).

De fato, com a visão da falta do órgão nas meninas, o medo de perder seu próprio órgão se instaura. O complexo de Édipo no menino é desde sempre dirigido

à mãe, mas sob a ameaça de castração do pai, pois ele sabe que tem algo, e que quem tem pode perder; assim, ele abandona esse amor. Lacan, em seu quinto seminário, afirma: “(...) o pai efetivamente frustra o filho da posse da mãe.” (LACAN, 1957–58/1999, p.178). O menino busca então se identificar com o pai, o pai interditor, que barrou a mãe, que a instituiu proibida. Com isso, podemos inferir que a relação edipiana do menino com a mãe tem como resultado a autoridade paterna, a proibição. Freud (1925/1995, p.278) afirma: “Demonstramos alhures como a atitude edipiana nos meninos pertence à fase fálica e como sua destruição é ocasionada pelo temor da castração — isto é, pelo interesse narcísico nos órgãos genitais”.

A saída do complexo de Édipo nos meninos inicia-se a partir dessa angústia de castração, e consiste em recalcar os desejos incestuosos. Com o declínio do complexo de Édipo, duas consequências importantes deverão ocorrer na estruturação do menino: o surgimento do supereu, internalização da lei, e a confirmação de uma identidade sexual, que será afirmada mais solidamente no período da puberdade. (FREUD, 1924/1995) O supereu surge a partir da renúncia dos pais como objeto sexual, e se apresenta como a introjeção da lei, valores morais e os ideais sociais, enfim, considerado o que resta do complexo de Édipo. Como não pode tê-los, inconscientemente quer ser como eles. Freud conclui:

Assim, o [supereu] assume uma espécie de posição intermediária entre o id e o mundo externo; ele une em si as influências do presente e do passado. No estabelecimento do [supereu], temos diante de nós, por assim dizer, um exemplo da maneira como o presente se transforma no passado (...). (FREUD, 1940 [1938]/1995, p.221).

Destarte, o complexo de castração é para o menino a mola propulsora para a saída do complexo de Édipo, que, podemos dizer, é enterrado sob a barra do recalque, ressurgindo mais tarde, diante da escolha do objeto sexual. O complexo de castração é o que propicia o final do complexo de Édipo nos meninos, fazendo com que eles não falem de seus amores com a mãe; é, portanto, inconsciente e inadmissível. (CARNEIRO RIBEIRO, 2009). O medo de perder o pênis é resposta à interdição sofrida na infância.

Assim, podemos apresentar o complexo de Édipo nos meninos:

1. amor e desejo pela mãe;
2. entrada no complexo de castração, proibição do incesto;
3. declínio do complexo de Édipo, recalque.

O menino parte para a saída do Édipo, por assim dizer, de uma identificação ao pai — pois ambos têm o mesmo objeto de desejo — para um sentimento hostil, em que amor e ódio coexistem inconscientemente, sustentando uma ambivalência emocional. O complexo de Édipo quando feito pelas meninas apresenta importantes e marcantes diferenças, parte também, no entanto, do mesmo amor e desejo pela mãe. (POLI, 2007).

### 2.3 COMPLEXO DE ÉDIPO NAS MENINAS

Nas meninas, o complexo de Édipo é originalmente com a mãe, mas vai se desenvolver de forma diferente da dos meninos, muito embora também as meninas possuam, como os meninos, o desejo *primevo* e incestuoso de possuir a mãe, isto porque a mãe ou sua substituta é a primeira sedutora do *infans*, através dos carinhos e cuidados higiênicos para com o bebê. (FREUD, 1925/1995).

Por não ter um pênis, as meninas precisam encontrar uma forma diferente da dos meninos se constituírem. As meninas são referidas ao complexo de castração, mas não à ameaça de castração, o que gera consequências como a de não haver o declínio do complexo de Édipo, mas uma mudança de zona erógena, do clitóris para a vagina, bem como a mudança de objeto, da mãe para o pai. (idem, *ibid.*)

No texto de 1925, “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, Freud fala da menina como tendo um problema a mais do que o menino, isso porque o menino *retém o mesmo* objeto, a mãe, durante toda a travessia do complexo de Édipo, enquanto a menina tem uma direção para a feminilidade mais trabalhosa, sinuosa, conforme Freud (1925) elucida:

Nesse ponto nosso material, por alguma razão incompreensível, torna-se muito mais obscuro e cheio de lacunas. Também o sexo feminino desenvolve um complexo de Édipo, um [supereu] e um período de latência. Será que também podemos atribuir-lhe uma organização fálica e um complexo de castração? A resposta é afirmativa, mas essas coisas não podem ser da mesma maneira que nos meninos. (*ibid.*, p.222).

Freud (1931/1995) em seus estudos se questionava sobre os destinos que tomaria a relação da menina com sua mãe do chamado período pré-edípico: “a pré-história da relação edípica nas meninas.” (p.234). Assim, partir do complexo de

Édipo não bastou para explicar os caminhos que a menina devia percorrer para a feminilidade, algo anterior já traria consequências psíquicas bastante relevantes.

A menina, ao ver o órgão masculino e *perceber* que algo falta a ela, se encontra diante de um impasse. Freud denominou esse período de fase fálica, quando a diferença sexual se instala. A diferença é ter ou não ter o falo que se sustenta em ter ou não ter o pênis, o pênis que a mãe não tem, e é isto que falta, portanto quem tem pode perder e quem não tem se coloca na posição de querer ter. Assim, a partir da diferença sexual e da conseqüente decepção que a menina tem com a mãe, pois ela também não tem e, portanto, não pode dar o falo que ela tanto deseja, a menina entra no complexo de Édipo. (FREUD, 1940[1938]/1995, p.207).

*Penisneid* é a palavra utilizada por Freud (1925/1995) para designar o nada de pênis nas meninas, uma ferida narcísica que explicaria as razões pelas quais as mulheres seriam mais ciumentas e invejosas que os homens, detentoras de um sentimento de inferioridade. Não se trata somente da anatomia, mas é preciso reconhecer que ela é suporte da diferença sexual. O *Penisneid* funcionaria, portanto, na vida psíquica da menina como a mola propulsora para a entrada no complexo de Édipo.

Enquanto o menino sente a angústia de castração, a menina, por não ter nada a perder, vive a dor de uma privação, de uma nostalgia. Ela se sente enganada e volta toda sua revolta contra a mãe, que anteriormente era desejada pela sua onipotência, pois supostamente era portadora do falo, passa a ser desprezada por ser desprovida de um pênis, e com isso é rebaixada. A menina, no entanto, fica ao lado da mãe tentando aprender com ela a organização da sua sexualidade como mulher. A descoberta de que é castrada é um marco na vida psíquica da menina, é a força motora para romper o vínculo libidinal entre a filha e a mãe. O que possivelmente responderia algumas das questões freudianas com relação às meninas (FREUD, 1931/1995, p.233): “Como encontra o caminho para o pai?”, e “Como, quando e por que se desliga da mãe?”.

Nesse momento, surge a reivindicação do falo, e se o desenvolvimento for favorável, a menina localiza o pai, pois ele “detém” o falo e pode dar a ela. Ela quer ter de volta aquilo que julga ter perdido, por isso se volta para o pai. O desejo de possuir um falo possibilita a entrada no complexo de Édipo. O desejo de ter um pênis é um desejo feminino por excelência, como Freud (1933b/1995) concluiu.

Enfim, a reivindicação do falo é o operador que possibilita a menina separar-se da mãe e orientar-se para o caminho da feminilidade.

O Édipo nas meninas, assim pode ser descrito:

1. amor e desejo pela mãe, como os meninos;
2. confronto com a castração materna e sua própria castração;
3. ressignificação da relação com a mãe (pré-edípica), ódio e reivindicação;
4. substituir a mãe pelo pai na expectativa de receber dele um filho substituto do falo.

Os textos freudianos “A organização genital infantil” (1923b), “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925) e “A dissolução do complexo de Édipo” (ANO1924) nos levam a inferir que o sexo anatômico para funcionar precisa de uma identidade sexual, pois, embora sirva como gênero, não determina a pulsão, tampouco o desejo. Freud (1933b) falou de três saídas para o desenvolvimento da feminilidade: “uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal.” (p.126).

Assim, retomamos com Lacan, em *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*, que sublinha: “O pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto.” (LACAN, 1957-58/1999, p.174). O pai como operador de uma função simbólica ligado à interdição da mãe, que a criança precisa internalizar, e simbolizar. Até então a criança estava aderida ao desejo da mãe, e o pai vem substituir este desejo, retirando a mãe do lugar de mãe e a transferindo para o lugar de mulher, apontando nessa mudança simbólica o desejo da mãe para uma outra direção, que não a da criança.

É disso que se trata o complexo de Édipo, da oportunidade da criança de se *servir* do pai para poder se separar da mãe e se constituir como sujeito.

Importante lembrar a fase pré-edípica da menina com a mãe. Esta relação não é intermediada pela interdição da lei, nada que diga respeito à proibição. Em outras palavras, tanto a mãe quanto a filha está fora da lei, exatamente por não operar a ameaça de castração. Essa duplicidade da relação fez Freud (1931/1995) usar a expressão pré-edípica, que escapa ao complexo de Édipo. São, assim, duas mulheres ligadas por algo que foge ao Édipo, por algo que está fora da linguagem, da lei, das palavras. Com elas, devido ao período pré-edípico e a relação ainda não

ter sido simbolizada, uma mulher, mesmo que tenha saído da posição masculina para a feminina, sempre terá algo do registro do Real, do indizível. (CARNEIRO RIBEIRO, 2009) — questão que será trabalhada no capítulo 3.

Podemos afirmar com isso que o Édipo da menina com o pai é mais consciente, já referido ao falo, conseqüentemente menos intenso, o que permite à menina poder falar de seu amor pelo pai com mais facilidade do que os meninos com suas mães, em outras palavras, não há *nada* a perder. (idem, *ibid.*)

Diante dos avatares da sexuação feminina, podemos concluir que a substituição da mãe pelo pai é feita pela menina a partir da diferença sexual. Ela precisa consentir em substituir o pai por um homem e buscar um filho substituto do falo. Reivindicar o falo é o operador que possibilita a separação da menina com a mãe e dirigir-se para a sua própria sexuação como mulher. Como diz Lacan: “Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai.” (LACAN 1957–58/1999, p.171).

Lacan (idem) afirma que o que está no centro da questão do Édipo é a função do pai, deixando claro que não se trata do pai biológico, nem da ausência de pai, tampouco de qualquer outra forma paterna. O pai enquanto função deve ser tomado como um lugar que confere uma dimensão simbólica.

## 2.4 A TEORIA PSICANALÍTICA DA PERVERSÃO E A HOMOSSEXUALIDADE

Freud utilizou pela primeira vez a palavra perversão em seus estudos sobre a histeria. (FREUD, 1950[1892–99]/1995). Foi em uma carta endereçada a Fliess, em dois de novembro de 1886, que a utilizou para falar de um pai abusador, pois até então ele se encontrava preso à *verdade* das histéricas. No conhecido caso Dora, “Fragmento da análise de um caso de histeria”, ele coloca sua máxima: “As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões”, aproximando a perversão da neurose, promovendo com isso um afastamento da estrutura psicótica. (FREUD, 1905/1995, p.157).

Para uma melhor compreensão dessa máxima freudiana, podemos fazer uma analogia da neurose com a perversão através de uma fotografia. Observando o negativo de uma foto, observa-se que os limites não se distinguem, não há figura e fundo, nesse caso seria uma representação da neurose, porque a fantasia primordial

está recalçada. Na perversão, a foto está revelada e aparece no seu esplendor, com clareza no ato perverso. (CARNEIRO RIBEIRO, 2009).

Junto com o conceito de bissexualidade, aparece também, em 1905, no texto “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade”, texto inaugural de uma teoria sobre a sexualidade humana, o que Freud chamou de “disposição perversa polimorfa”. Vale ressaltar que este último conceito se faz necessário como base para o primeiro. Pois, enquanto *bissexualidade* fala de uma escolha, a *disposição perversa polimorfa* trata dos desvios possíveis relativos ao objeto da pulsão. Freud (1905) pontua que as crianças podem em resposta à sedução serem levadas às mais variáveis irregularidades possíveis, o que as tornaria perversas polimorfas.

Até esse momento, Freud trabalha a perversão como uma ausência de obstáculos morais, vergonha e repugnância. Mas ele não fez da perversão uma patologia, pois levou em consideração os traços perversos encontrados nas fantasias dos neuróticos, como, por exemplo, as sadomasoquistas. Ainda nos “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade” (1905), enfatizou a força exercida pelas pulsões parciais e considerou perversa qualquer satisfação não genital:

As perversões são ou (a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final.” (FREUD, 1905/1995, p. 142).

Em “Psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher” Freud (1920/1995) trabalha os pontos possíveis que levaram aquela jovem a sua escolha de objeto. A jovem homossexual tinha um pai sério e afastado dos filhos. Esse pai era influenciado pela esposa, mãe da jovem, a qual foi retratada como uma mulher bonita e atraente. Sabendo da escolha de objeto da filha, se enfureceu e passou a ameaçá-la. Sua mãe tratava a filha com bastante aspereza e tinha um cuidado especial com o filho homem. Durante a análise, à qual a jovem se submeteu por insistência dos pais, Freud chegou à conclusão de que o interesse homossexual dela por uma dama “coquete” não a tinha levado ainda a uma relação sexual.

Um dos pontos levantados no texto freudiano foi a impressão que a jovem teve ao se deparar com a genitália do irmão, em outras palavras, com a diferença sexual propriamente dita: “A comparação entre os órgãos genitais do irmão e os seus, que fez pelo início do período de latência (aos cinco anos de idade ou, talvez,



um pouco antes), deixara-lhe forte impressão e tivera efeitos posteriores de grandes consequências.”(idem, *ibid.*, p. 167).

Freud ressalta aqui o *Penisneid*, ou seja, a inveja do órgão masculino, em que, segundo ele, pode ser considerado como *uma* das causas da homossexualidade. Durante a travessia do complexo de Édipo, essa jovem voltou-se para o pai na esperança de receber deste um filho, ou seja, um dos passos importantes para o caminho da feminilidade. Entretanto, sua mãe engravidou quando ela tinha 16 anos, o que, segundo Freud, a levou a um desapontamento com o pai e a escolher uma outra mulher como objeto de amor. Assim, ela saiu do jogo de forças que mantinha com a mãe e direcionou sua libido a outro objeto de amor, que não o masculino. Esta posição homossexual pode ser pensada como uma fixação infantil direcionada à mãe, pois Freud (idem) enfatiza que a “coquete” nada mais era que uma substituta materna. Vale ressaltar a existência de um desafio direcionado aos pais diante de sua escolha objetual, pois ela mostrou a eles uma forma de gozo do qual eles desconheciam. Diante de sua escolha ela percebeu que estava ferindo o pai que outrora a rejeitara, é um desafio e vingança contra o pai (FREUD, 1927/1995).

Em 1927, no texto “O Fetichismo”, Freud conclui o tema da perversão. Ele nos diz que o fetichismo nada mais é do que o resultado da escolha de objeto, lembrando que não é um sintoma, o que nos leva a assertiva de que o fetiche não traz sofrimento ao sujeito, pois o fetiche propriamente dito foi a solução encontrada diante do impasse imposto pela diferença sexual. Ele afirma que o objeto de fetiche é um substituto do pênis materno, e que tem por função dizer respeito a um gozo que só o perverso conhece, em virtude do objeto não ser excitante para outras pessoas, em outras palavras, o desafio que a jovem homossexual impôs aos pais.

Nesse mesmo texto, Freud nos fala sobre o desmentido do sujeito como uma defesa diante da angústia da castração, em que se tem o reconhecimento e repúdio da castração materna: “Podemos perceber agora aquilo que o fetiche consegue e aquilo que o mantém. Permanece um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela.” (idem, *ibid.*, p.157). O desmentido pressupõe o recalque e ao mesmo tempo há o desmentido do recalque, o que caracteriza uma operação dupla. O desmentido incide sobre a representação intolerável, que é a representação da castração materna.

Roudinesco e Plon (1998) escrevem que Freud primeiro identifica a perversão sob a forma de exibicionismo, voyeurismo e coprofilia:

Em 1914, com “Sobre o Narcisismo: uma Introdução”, Freud desliza do objeto para o sujeito concluindo pela ausência do fetichismo feminino. Ao meu ver, de fato o fetichismo da roupa é “normal” nas mulheres, uma vez que a totalidade do corpo que é transformada num fetiche, e não um objeto. O fetichismo feminino, portanto, não seria nada além de uma narcisização do corpo. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.237).

Conforme dissemos, Freud colocou a perversão muito mais próxima das neuroses do que da psicose. Os traços perversos estão também presentes nas relações sexuais dos neuróticos, pois qualquer ato que desvie do objetivo pode ser considerado um ato perverso. Portanto, podemos afirmar que o que de fato define a perversão é a exclusividade com que se efetuam tais desvios.

Traçando uma comparação entre as duas estruturas psíquicas, neurose e perversão, é importante destacarmos: na estrutura clínica da neurose o mecanismo de defesa é o recalque que tem por instrumento o sintoma. Este, por sua vez, faz enigma, faz sofrer e denuncia com isso um mal-estar na sexualidade. No caso da estrutura clínica da perversão, o mecanismo da estrutura é o desmentido que tem por instrumento o fetiche, sem causar sofrimentos ao perverso, ao contrário, facilita a vida sexual do sujeito. (Freud, 1927/1995).

Um aspecto preciso da perversão de suma importância está na conexão da perversão com o narcisismo, ou seja, da relação do perverso com a imagem do corpo. É o que Lacan (1949/1998) denominou de estágio do espelho, o momento inaugural da constituição do eu, quando a criança que ainda não fala, *infans*, a partir da percepção da própria imagem no espelho, prefigura sua totalidade corporal. A construção do corpo próprio é decorrente da relação do sujeito com o significante. O problema da constituição do eu não está somente em seu reconhecimento no espelho, mas na assunção desta imagem como o representando como sujeito. A imagem no espelho tem uma função defensiva, radical, que é a de velar à castração, conforme diz Lacan:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (ibid., p.97).

Além disso, a imagem do espelho nos protege da angústia, assim, essas duas funções estão interligadas. A imagem é a *gestalt*, ou seja, a ideia de totalidade, de inteiro, negando a divisão do sujeito, bem como a parcialidade das pulsões. Nossa divisão subjetiva não se reflete no espelho, por sermos divididos somos angustiados e o espelho aplaca esta angústia. Na perversão, no entanto, a castração é desmentida, o que de alguma forma compromete o reconhecimento no espelho. Enfim, Freud sustentou uma *cisão* no tocante à estrutura psíquica e à escolha de objeto, perversão e homossexualidade, separação radical do ponto de vista do diagnóstico.

No próximo capítulo, abordaremos o conceito de identificação e sua relação com a escolha de objeto em Freud, e a fórmula quântica da sexuação de Lacan (1972–73/1999), pontos de grande relevância para o desenvolvimento de nosso trabalho.

### 3. IDENTIFICAÇÃO E ESCOLHA DE OBJETO

O conceito de identificação é fundamental dentro da teoria psicanalítica, pois é um processo de suma importância para a constituição do sujeito. Ele aparece pela primeira vez em uma carta de Freud endereçada à Fliess, em seis de dezembro de 1896. Nela, Freud fala de uma paciente que apresentava fortes dores de cabeça como sintoma. Ela contou-lhe que ao receber a visita do irmão no dia anterior e ao ouvir dele suas experiências sexuais, iniciadas aos seus doze anos de idade, suas dores de cabeça começaram. O irmão da paciente havia-lhe contado a respeito de desejos perversos, em que lambia os pés das irmãs despidas durante a noite. Freud assinala:

Assim, ela [a paciente] conjecturou que as preferências sexuais do filho derivavam do pai; e que este fora também o sedutor do primeiro. Foi assim que ela se permitiu identificar-se com ele e assumir suas dores de cabeça; pôde fazê-lo, aliás, porque, durante a mesma cena, o pai enfurecido havia batido com a bota na cabeça da menina (escondida debaixo da cama). (FREUD, 1950[1892–99]/1995, p.214).

No livro “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900, data considerada a do nascimento da psicanálise, Freud trouxe a “deformação onírica” como *novidade* ao meio científico. O exemplo utilizado no livro para discorrer sobre tal particularidade foi o sonho de uma paciente, em que a questão girava em torno de ter apenas um pedaço de salmão defumado para o jantar, no qual receberia uma amiga — posteriormente, Lacan (1958/1998) denominou-a *A bela Açougueira*.

A identificação é um fator constitutivo dos sintomas histéricos. No caso desse sonho, a paciente desafia Freud, pois ela própria não o entendia como uma realização de desejo. Freud relata a fala de sua paciente:

‘O senhor sempre me diz’, começou uma inteligente paciente minha, ‘que o sonho é um desejo realizado. Pois bem, vou lhe contar um sonho cujo tema foi exatamente o oposto — um sonho em que um de meus desejos não foirealizado. Como o senhor enquadra isso em sua teoria?’ (FREUD, 1900/1995, p. 180).

Ao analisar o sonho junto com sua paciente, Freud (idem) mostra que a questão central estava na identificação da paciente com a sua amiga. Esta amiga, por sua vez, desejava muito engordar, o que intrigou a bela açougueira, pois ela sabia que o seu marido tinha preferências por mulheres de formas mais arredondadas. No sonho relatado a Freud, a bela açougueira propiciaria um jantar, mas encontrou na sua despensa somente um pedaço de salmão defumado, por sinal o prato predileto de sua amiga, que há poucos dias havia lhe pedido um jantar. Por não desejar que a amiga engordasse, e com isso se destacasse mais aos olhos do marido, ela, no processo onírico, se identifica com a amiga, não permitindo a amiga comer, pois não tinha nada para servir, e, assim, realizando seu próprio desejo de não embelezar mais a outra mulher detentora de seus ciúmes. Vale ressaltar que através do sonho, Freud deduziu a característica da sobredeterminação das formações do inconsciente.

No tocante à identificação histórica, Freud explica que: “(...) não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa ligação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente.” (idem, *ibid.*, p.184).

Nesse caso da bela açougueira, podemos inferir que tal identificação com a amiga pretendia interrogar o desejo do marido, para compreender a feminilidade, voltado para o interesse pela amiga referida. A histeria é uma tentativa de identificação com o sujeito desejante cujo objeto está em posição terceira, pois não chega diretamente ao alvo, mas através de um outro.

A identificação é um processo pelo qual o eu mantém seus objetos de amor. Podemos mencionar Ida Bauer, o caso Dora (FREUD, 1905[1901]/1995), em que se nota a presença de uma trama que traz quatro pessoas envolvidas: Dora, seu pai e um casal amigo, Sr. e Sra. K. A histeria se utiliza da identificação, processo inconsciente, para expressar o elemento sexual em comum, ou fantasias relacionadas ao elemento sexual comum, sendo, entretanto, necessário um conjunto delas para que o inconsciente possa produzir o sintoma. Um ponto importante do caso Dora está na carta em que menciona o desejo de suicidar-se. Em verdade, o

que Dora pretendia era viver um amor intenso tal qual seu pai havia supostamente vivido com a Sra. K. Este desejo é a identificação com o pai, melhor dizendo, ponto em que Freud, sempre pautado na bissexualidade, trabalhou a homossexualidade feminina referente à escolha de objeto. Nesse caso, o ciúme dirigido a Sra. K, na medida em que ela detinha dois objetos de amor de Dora: o Sr. K. e seu pai. Freud considera a homossexualidade como uma corrente que deve ser atribuída tanto aos homens como às mulheres. Devemos ressaltar que Freud destaca a Sra. K. como objeto de desejo de Dora, pois esta também era um modelo para o interrogatório de todas as histéricas, tanto mulheres como homens: “o que é ser uma mulher?”. (idem, *ibid.*).

Os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 1905/1995) mostram a origem do objeto de desejo no tocante a sua relação com a identificação. Freud parte do objeto e do objetivo da pulsão para apresentar em seguida seus desvios e o mecanismo da identificação. É preciso mencionar que é nesse texto que Freud começa a elaborar seu conceito de “pulsão”, separando-o do instinto animal e conferindo-lhe o estatuto de conceito fundamental da psicanálise.

No caso dos invertidos<sup>6</sup> e a relação com suas mães, a identificação se liga ao registro sexual por intermédio da incorporação do objeto, pois o alimento e o sexual estão juntos formando o psiquismo, conforme afirma Freud:

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral, ou, se preferirmos, canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto — modelo do que mais tarde ia desempenhar, sob a forma de identificação, um papel psíquico tão importante. Como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia podemos ver o chuchar, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo. (ide, *ibid.*, p.187).

Portanto, na identificação, o encontro com o objeto é na verdade necessariamente um *reencontro*, pois a satisfação sexual *a priori* estava vinculada à ingestão dos alimentos, portanto, ao seio da mãe. O primeiro encontro é o anaclítico<sup>7</sup>, que se baseia nos protótipos infantis, enquanto no segundo, o narcísico, se busca o próprio eu do sujeito em uma outra pessoa como identificação para ser objeto de amor, dito de outro modo, para amar como foi amado por sua mãe. Este

<sup>6</sup> Freud emprega a expressão “invertido” para referir-se ao “homossexual”, expressão de uso corrente na época, mas que se tornará cada vez mais rara no texto freudiano.

<sup>7</sup> Anáclise significa apoio sobre.

processo é comum à neurose, visto que é a forma de conservar o objeto perdido, por isso *reencontro*. Diante da perda do ser amado, o eu incorpora o traço do objeto. (FREUD, 1917 [1915]/1995).

É durante a travessia do complexo de Édipo, momento mítico que o sujeito se depara com a diferença sexual resultando na “escolha” da neurose, como uma das formas, que se dá a identificação. As identificações parentais são um tipo de solução encontrada pelo sujeito diante do naufrágio do complexo de Édipo. Assim, podemos afirmar que o sujeito se constitui por intermédio desses traços de identificação.

No texto “Leonardo da Vinci: uma lembrança infantil”, Freud (1910/1995) estuda alguns aspectos da vida do artista. Nele também pode ser verificado um movimento em direção ao reconhecimento dos processos de identificação para a constituição da subjetividade. Ao procurar compreender a homossexualidade a partir das concepções psicanalíticas, Freud sugere que o menino tende a recalcar seu amor pela mãe e, ao assim proceder, coloca-se em seu lugar, identificando-se com ela, e acaba por tomar a si mesmo como modelo para seus novos objetos de amor, reproduzindo seu amor infantil. Muito da importância desse trabalho está nas ligações com o texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, no tocante à escolha de objeto feita por Leonardo da Vinci e o conceito de identificação. Este se baseia na relação estreita entre Leonardo e sua mãe, pois sua figura paterna era ausente. Leonardo identifica-se com a mãe sedutora e acaba tratando seus próprios discípulos como era tratado por ela. Freud pontua: “Porque a ternura de sua mãe foi-lhe fatal: determinou seu destino e as privações que o mundo lhe reservava.” (FREUD, 1910/1995, p. 74).

Vale destacar que Leonardo da Vinci, como Freud mostrou, era homossexual e neurótico obsessivo, ou seja, a homossexualidade não estaria ligada a uma estrutura psíquica.

Ainda em “Sobre o narcisismo”, Freud (1914/1995) apresentou o conceito de *ideal do eu*. Este decorre das relações com os objetos sendo facilitadores para os investimentos posteriores no próprio eu. Do que foi perdido do investimento no eu e transferido para um objeto, será possível constituir um ideal de eu. Este está referido à identificação primária, ao pai anterior ao Édipo, anterior à diferenciação sexual, o qual Freud passa a denominar de supereu.

O supereu, por sua vez, vai surgir a partir da renúncia aos pais como objeto sexual e da incorporação destes como objetos do eu. Como não pode tê-los,

inconscientemente quer ser como eles. No texto “O Eu e o Isso”, Freud (1923a/1995) apresenta o supereu como herdeiro do complexo de Édipo. Em outras palavras, é o mesmo que dizer que todas as admirações e temores que tivemos quando crianças, relativos aos nossos pais, serão introjetados no *a posteriori*. O supereu é também a fonte do paradoxal sentimento inconsciente de culpa. Segundo Freud:

O [supereu], contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetas do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra estas escolhas. A sua relação com o [eu] não se exaure com o preceito: ‘Você *deveria* ser assim (como seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode* ser assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’. Esse aspecto duplo do ideal do [eu] deriva do fato de que o ideal do [eu] tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência. (ibid., p.47).

O narcisismo primário designa, de um modo geral, a relação própria da criança que toma a si mesma como objeto de amor, antes mesmo de escolher objetos exteriores. Ele pode ser pensado como uma herança do ideal narcísico dos pais, em que a criança vem ocupar o lugar daquilo que ficou perdido na vida daqueles. Dessa relação, os primeiros objetos sexuais eleitos pela criança são resultantes das suas primeiras experiências de satisfação. Freud (1914/1995) chamou de escolha objetal narcísica a relação em que o sujeito, ao invés de tomar a mãe ou substituta como modelo de objeto amoroso, toma a si próprio. Sublinha Freud:

Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais — ele próprio e a mulher que cuida dele — e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal. (ibid., p.95).

Vale ressaltar que estas duas escolhas mencionadas acima não são excludentes, uma vez que Freud apontou a escolha objetal narcísica estando sempre presente no sujeito. Por sua vez, o narcisismo secundário nada mais é do que o retorno ao eu resultante dos investimentos feitos em outros objetos, mas que não puderam ser sustentados como investimentos objetais por exigências civilizatórias, entre outras.

Freud (idem) apresentou o conceito de narcisismo baseado na unificação da parcialidade das pulsões. A parcialidade das pulsões é o que permite a escolha



diante das opções de objeto, a qual se subordina à maneira como estas pulsões se organizam.

A partir do conceito de identificação, foi possível entender as escolhas de objeto. Ao longo de sua obra, Freud aborda a noção de identificação em diferentes ocasiões. Entretanto, no capítulo VII do seu livro “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1921/1995) ele aborda também os motivos pelos quais os indivíduos combinam-se em uma unidade grupal. Segundo Freud: “Temos então que os grupos se caracterizam por colocarem um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do [eu] e, conseqüentemente, se identificar[em] uns com os outros em seu [eu]”. (ibid., p.147). O conceito de identificação aparece como ponto central na análise e apresenta-se como fator decisivo no processo de socialização do homem. Freud considera que um grupo se mantém unido “por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia, essa façanha, ser mais bem atribuída do que a Eros?” (ibid., p.117).

Assim, o conceito de identificação, junto com o complexo de Édipo, toma corpo na teoria freudiana. É durante essa travessia que se vive o drama do narcisismo, ferida narcísica, e se faz a escolha de objeto pela via da identificação.

Freud (idem) aprimora o conceito de identificação apontando três vertentes. A primeira forma de identificação refere-se à identificação primária, que desempenha uma função pré-histórica do complexo edipiano. Nesse momento, o menino “toma o pai como seu ideal” (ibid., p.133), ele quer ser o pai. A segunda forma de identificação seria como processo de formação de sintomas, como mencionado no exemplo do caso Dora — a imitação da tosse do pai. Nesse caso, pode-se afirmar “que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regressou para a identificação” (ibid., p.135). A terceira forma de identificação baseia-se no desejo de colocar-se na mesma situação. Esta modalidade de identificação seria a responsável pela formação das coletividades.

Podemos dizer que a identificação, além de ser uma “forma de laço emocional com um objeto” (ibid., p.135), se apresenta regressivamente “como sucedânea para uma vinculação do objeto libidinal” (ibid., p.135), mediante a introjeção do objeto no eu, como também pode “surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de pulsão sexual” (ibid., p.136). Identificação, então, é “(...) a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. (ibid., p.135).

Em “Luto e Melancolia”, Freud (1917 [1915]/1995) nos mostra a identificação do eu com o objeto: o objeto não pode ser abandonado, o que comprova uma operação narcísica: “[O investimento] objetual provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o [eu].” (p. 281). Ou seja, o objeto foi conservado no eu, modificando esta parte, o que nos leva a inferir que o objeto é um duplo do eu. A identificação narcísica determina a escolha de objeto, baseada em um narcisismo primário, ou seja, em uma identificação feita por parte do eu, conforme vimos. A identificação com o objeto perdido comprova que qualquer crítica dirigida ao próprio eu é também uma crítica dirigida ao objeto.

Importante lembrar que Freud se pauta também em casos como o do Presidente Schreber para trabalhar o conceito de identificação. Em “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”, Freud (1911/1995) nos mostra que muito temos para aprender com a patologia paranoica. Em casos de paranoia, vale ressaltar que o processo identificatório é inverso ao encontrado na neurose. Já em uma carta datada de nove de dezembro de 1899 dirigida à Fliess, Freud mencionara:

A mais inferior das camadas sexuais é o autoerotismo que dispensa qualquer objetivo psicosexual e visa apenas às sensações localmente gratificantes. Depois dele vem o aloerotismo (homo ou heteroerotismo), mas é certo que ele continua existir como uma corrente subjacente. A histeria (e sua variante, a neurose obsessiva) é aloerótica, já que sua via principal é a identificação com a pessoa amada. Já a paranoia dissolve a identificação, reinstaura todas as pessoas amadas da infância que foram abandonadas e dissolve o próprio [eu] nas pessoas externas. Assim, passei a encarar a paranoia como uma irrupção de corrente autoerótica, um retorno a um estado anterior. (FREUD, 1950[1892–99]/1995, p. 391).

Portanto, na paranoia a identificação não se dá com as pessoas amadas, como nas neuroses, e sim há uma rejeição em que tais pessoas tornam-se seus perseguidores. No caso Schreber, vale lembrar que Flechsig, médico responsável no por seus cuidados no hospital em que estava internado, foi tanto seu médico quanto o seu perseguidor.

Assim, podemos afirmar que diante da escolha de objeto o eu precisa processar a assunção subjetiva do sexo, e, para tal, os traços de identificação são de suma importância, pois resultam da travessia do Édipo.

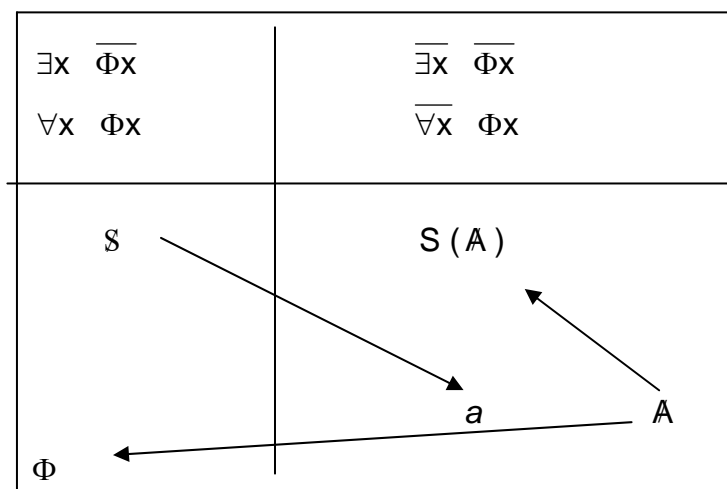
Lacan, tomando as proposições da lógica aristotélica, em seu vigésimo seminário, discute a partilha dos sexos introduzindo a fórmula quântica da sexuação.

Através dela, demonstra o falocentrismo, em que toda dialética do ter e do ser está referido a ele, assim como, dividindo o lado homem e o lado mulher na fórmula, situa o lugar do objeto *a* referido na relação do sujeito do inconsciente. Ainda vai demonstrar, no lado da mulher, como ela não vive a angústia de castração. Vamos à fórmula.

### 3.1 A PARTILHA DO SEXO E A FÓRMULA QUÂNTICA DA SEXUAÇÃO

Lacan (1972–73/1999), em seu vigésimo seminário: *mais, ainda*, se utilizando de uma linguagem da lógica matemática, demonstrou a impossibilidade de quantificar o feminino e, conseqüentemente, estabelecer uma relação quantificadora entre os dois sexos. Em outras palavras, não há um significante que reúna todas as mulheres, que façam conjunto. Melhor dizendo, que as identifique.

A fórmula quântica da sexuação demonstra a partilha dos sexos baseada na lógica fálica, uma medida que regula o gozo pelo princípio do prazer. É uma proposta lacaniana que se pauta em proposições aristotélicas universais ou particulares, positivas ou negativas, e que vão se dividir em uma proposição possível com uma necessária que faz exceção, e uma impossível marcada pela dupla negação. (idem, *ibid.*).



Fórmula quântica da sexuação

$\forall$ - todo	$\exists$ - existe
$\bar{\forall}$ - não-todo	$\bar{\exists}$ - não existe
$\Phi$ - falo	X – incógnita (homem ou mulher)
$\bar{\Phi}$ - não referido ao falo	

Para ler a fórmula da sexuação, é de suma importância que se tenha em mente que nessa lógica proposicional, masculina e feminina, as propostas são posições subjetivas não remetidas à anatomia. Assim, os seres falantes se situam em um dos dois lados, (lado esquerdo, masculino, e direito, feminino) independente da anatomia: lado homem e lado mulher, portanto, pelas fórmulas quânticas não há gênero masculino ou feminino, e sim posições do sujeito e posições lógicas que se definem. O que domina é a posição do sujeito em relação ao falo, posição na escolha sexuada posterior à entrada na linguagem. (LACAN, 1994).

Do lado homem, pode-se observar o completo assujeitamento à função fálica, em outras palavras, à castração simbólica. No quadrante superior lido de baixo para cima, ele nos mostra uma proposição universal, afirmativa e possível. Esta deve ser lida: Para todo homem (x), o homem está referido ao falo. Para o homem ser referido ao falo é necessário que exista pelo menos um que não esteja referido, é a exceção ( $\bar{\Phi}x$ ), proposição presente justamente na linha superior, onde deve ser lido: existe pelo menos um homem que não esteja submetido à norma fálica (proposição particular, negativa e necessária). Este homem é o pai da horda primitiva, o pai real, de onde surgiu o tabu do incesto e a injunção a exogamia, fora da lei do Édipo, trabalhado por Freud em “Totem e Tabu” (1913 [1912–13]), no qual a exceção à castração permitiu fundar um conjunto por identificação.

Esta proposição é particular porque trata de um homem, ela é negativa e necessária, sem ela não seria possível formar um conjunto. Com isso podemos inferir que o homem existe, pode-se defini-lo, ele está totalmente referido ao falo, portanto forma conjunto. A lógica do todo diz respeito à vertente masculina da sexuação, à crença na exceção da castração, a qual funda um conjunto por identificação.

Do lado feminino, temos o que Lacan denominou de não-toda mulher ( $\bar{\forall}x$ ), referindo-se ao complexo de castração, na medida em que a ameaça de castração não opera na mulher (FREUD, 1926[1925]/1995), ou seja, a mulher está referida à castração, porém sem a angústia de castração — conforme vimos no segundo

capítulo. Por ela não estar totalmente amarrada no registro do Simbólico, podemos dizer que a mulher não é toda submetida à metáfora paterna, à lei do pai, assim, ela tem um *pézinho* fora da lei. Ela está referida ao falo, mas não-toda. Diferentemente do homem, a mulher *não é toda* assujeitada à ordem simbólica. Por ser não-toda, só se pode falar da mulher de uma a uma, porque elas não formam um conjunto.

Lemos no quadro, no lado feminino, de baixo para cima: para não-toda mulher, a mulher está referida ao falo ( $\overline{\forall x} \Phi x$ ). Esta proposição é universal, negativa, particular e contingente. Particular porque, por serem não-todas, não se pode universalizar, não há exceção que funde o conjunto das mulheres. E contingente porque ninguém pode se colocar por si mesmo na posição feminina. É o desejo do outro que permite o lugar do feminino; não é da alteridade de um outro, mas do desejo de um outro.

Na linha superior do mesmo quadrante temos uma proposição impossível, de dupla negação, o que em lógica matemática, passa a ser uma afirmação. **Não** existe nenhuma mulher ( $\exists x$ ) que **não** esteja referida ao falo ( $\overline{\Phi x}$ ). Diante dessa assertiva, podemos afirmar que as mulheres não fazem conjunto, porque não há exceção.

Do lado masculino temos o sujeito barrado, dividido ( $\S$ ), que é o Sujeito da linguagem, do desejo, o que já enfatiza que nenhum sujeito, seja masculino ou feminino, possa permanecer do lado feminino. Enquanto sujeito da fala, precisa estar do lado masculino.

Nesta mesma posição, do lado feminino, temos a mulher barrada ( $\mathbb{A}$ ). Ela aparece barrada porque é castrada, no entanto vale lembrar que não tem uma relação particular com o complexo de castração como o homem tem; a mulher está presa ao simbólico e ao imaginário através do desejo de falo ( $\mathbb{A} \rightarrow \Phi$ ).

Na fórmula quântica aparece também o objeto pequeno  $a$ , observem que a mulher barrada não tem relação com o objeto pequeno  $a$ , porque uma mulher só tem relação com este enquanto mãe, no entanto enquanto mãe está do lado masculino, é fálica. Mãe é uma mulher que tem um filho, tem um falo.

O sujeito na posição masculina se liga ao outro na posição feminina constituindo-o como objeto  $a$ , isto que o homem busca na mulher ( $\S \rightarrow a$ ). Já a mulher busca no homem o falo/filho ( $\mathbb{A} \rightarrow \Phi$ ).

E por fim o  $S(A)$ , que é o significante da falta no Outro, aponta para a falta de significação, para o real. Lacan (1972–73/1999) afirma com Freud que é o silêncio da pulsão de morte que:

A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que seja, quer seja ou não provido dos atributos da masculinidade— atributos que restam a determinar — inscrever-se nesta parte. Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo, no que tem a opção de se colocar na ou bem de não estar nela. (p.107).

Lacan apresenta estes agentes quantificadores da fórmula da sexuação no tocante exclusivamente à neurose. E claramente dirige-se a todo ser falante, homens ou mulheres, independentemente de suas escolhas de objeto. Vale lembrar que estar na posição feminina é contingente, pois depende do desejo do outro. As fórmulas quânticas da sexuação mostram que não existe modelo identificatório para a mulher, portanto, significa dizer que não existe um papel prescrito do feminino, cada mulher deve se *inventar*.

O não-todo feminino opera como uma lógica de funcionamento que está para além da lógica fálica, dito de outra forma, seria um não à submissão da castração, pois esta não opera, tampouco a identificação aos modelos. Por ser a mulher castrada, a forma como ela se insere na lógica fálica é se submetendo como objeto causa de desejo de um homem, de onde receberia sua identidade.

Do outro gozo feminino, que nós podemos concluir através da leitura em Freud de pulsão de morte, trata-se em Lacan do real, ou seja, do sem lei, sem uma medida fálica que submetesse este gozo ao princípio do prazer. Aqui estariam os impasses da sexuação feminina, donde a mulher precisa transferir para um homem o amor dirigido anteriormente ao pai, e o desejo de receber deste homem um filho, representante fetichizado do falo.

Assim, concluímos que os homossexuais estão no lado masculino, e as homossexuais, as lésbicas, só se pode dizer uma a uma o lado onde se encontram na partilha do sexo, pois não se pode fazer o conjunto das mulheres.

## 4. CASO CLÍNICO

### Fragmentos do caso clínico de uma homossexual

Edna nos procurou em um hospital público, com uma queixa de fobia de elevador. Falava de uma falta de ar, de uma sensação de morte iminente, precisava descer imediatamente quando a sensação aparecia. O que nos chama a atenção é que Edna trabalhava como ascensorista em uma universidade particular. Tinha 32 anos, morava sozinha em um conjugado do lado da casa de sua mãe, em uma favela no Rio de Janeiro. Sua família era composta por sua mãe, duas irmãs e três irmãos, seu pai já havia falecido. Ela falava dele como um sujeito muito opressor e de sua mãe como sendo extremamente submissa a ele. Ela diz: “Eu sou diferente doutora, não sei como aconteceu isso, mas sou diferente, sou homossexual, a senhora sabe o que é isso? Todos os meus irmãos são casados ‘direitinho’. Acho que minha mãe prefere os filhos homens, ela sempre dá mais atenção para eles... Se preocupa se eles comeram, se querem beber alguma coisa, e para as mulheres ela nem pergunta, parece que nem quer saber”. Essa fala de Edna pode ser remetida ao famoso caso da jovem homossexual, em que a mãe nitidamente dava preferência ao filho homem. (FREUD, 1920). E continua: “Sabe doutora, uma vez acabou o gás lá de casa eu pedi pra ela pegar o gás pra mim, o homem do gás passou e ela nem lembrou. É demais... Nem nesse dia ela perguntou se eu tinha comido, se queria comer, nada. Às vezes me enche o saco. Dá vontade de dar um murro nela, mas acho que nem assim ela ia prestar atenção em mim”. Parece-nos que Edna tem em um de seus irmãos um ideal, um ideal de ser “direitinha”.

Eu morava com uma moça... a Carla... Minha mãe conversava às vezes com ela de assunto bobo, mas nunca assumia que sabia, só uma irmã minha que falava sobre isso comigo. Quando eu falei que vinha aqui, ela até pediu para eu falar com a senhora se dava para me curar. Eu não sou doente.”

Edna começa a chorar muito discretamente. Aguardei um pouco e disse que realmente ser homossexual não significa ser doente. Marcamos novo encontro para continuar as entrevistas preliminares e ela chegou bastante adiantada.

“Doutora, hoje eu queria falar do meu pai. Pode?” Respondo que sim. “Meu pai quando era vivo me assustava... Ficava escondido atrás do muro da nossa casa espiando durante muito tempo a rua. Às vezes eu pensava que ele me espiava também. Quando entrava, dizia que um dos nossos vizinhos ficava olhando para nossa casa para poder ver tudo o que estava acontecendo lá, e pedia a toda hora para a gente falar baixo para o vizinho não ouvir. Era muito ruim, porque eu e meus irmãos não podíamos brincar, rir... Se fizesse barulho, qualquer um, ele descia o cacete, e batia mesmo, até com fio de ferro”. Fez muitas considerações sobre o pai, chorava, se calava, retomava as considerações. Encerrei a sessão e em uma outra consulta ela conta:

“Minha mãe tinha muito medo dele, porque muitas vezes ele tentava apertar seu pescoço para estrangulá-la, parecia querer matá-la. Daí, eu e meus irmãos começávamos a gritar e a chorar até que ele parasse de enforçar minha mãe. Sabe doutora, lembrei de uma coisa agora, eu não sabia nadar e meu pai quase me matou afogada, cheguei em casa chorando, contei tudo para minha mãe e ela não fez nada, que raiva que me deu, chorei mais ainda. Mas tinha que chorar baixo, senão lá vinha meu pai e descia o cacete. Tinha um caminho perto da minha casa que dava para a praia e meu pai me chamou e falou que era naquele dia que eu ia perder aquele meu medo besta, doutora... Eu já fui me mijando toda de medo.”

Perguntei a Edna por que ela foi, já que sabia o que estava prestes a acontecer, e ela me respondeu: “Ninguém desobedecia aquele homem não, não tinha homem nesse mundo que desobedecesse ele.” Perguntei: Homem? Ela silenciou e continuou. “Dito e feito doutora, quando chegamos lá, de frente para a praia, ele pegou meu braço e me atirou no mar. Não me pergunta como eu consegui sair dali, mas eu consegui. Ele ria e dizia que quando precisava se sabia, que esse negócio de medo ele não ia deixar não”.

Em um outro encontro, Edna chega reclamando dos ciúmes de Carla, sua companheira, e diz “Sabe doutora, eu nunca gostei de meninos, sempre gostei de meninas, mas tinha vergonha das pessoas. Uma vez eu pedi pro meu amigo que era gay, ele até já morreu, que falasse no bairro que era meu namorado só para mostrar para a minha mãe. Ela nunca disse nada, nem sei se ela acreditou, nem importa



mais isso. Ele era um cara muito legal, fui a várias festas com ele, zoamos muito. Pena que ele virou bandido, se meteu com os caras lá de cima do morro, daí já viu né, num dá outra, é tiro, cana e caixão. Sabe como é né? Às vezes nós ficávamos conversando até tarde, eu falava dos meus gostos com mulher e ele ficava me contando alguma das aventuras dele, era muito legal.

Lembrando-se do pai, Edna conta: “Meu pai era caminhoneiro, viajava muito e demorava a voltar. Era tão legal quando ele não estava, a gente até dormia mais cedo. Eu mesma ficava acordada quando ele estava em casa. Eu tinha medo dele matar minha mãe e não conseguia pregar os olhos direito, então acho que aproveitava para dormir quando ele não estava. Aquele homem era fogo”.

Volta a se emocionar, enxuga as lágrimas, e diz: “Minha namorada atual é legal, mas é muito ciumenta, só quer ficar em casa e eu gosto de tomar uns tragos por aí e se eu demoro... Nossa!, ela me enche o saco. Ela trabalha o dia todo, eu também, se quiser fazer coisa errada, dá tempo, não precisa sair à noite, tem o dia inteiro”.

Pergunto por que Carla não confia nela, e ela me explica que a namorada tem razão, porque ela de vez em quando gosta de “aprontar algumas” mesmo, diz que gosta de “variar”. A namorada é cabeleireira e algumas noites vai às casas das “madames” também, e ela tem que ficar sozinha, sem fazer nada. Fala que não consegue, que prefere sair, beber, e que depois quando a Carla volta, tudo acaba e ela fica ‘direitinha’ com ela de novo.

Em outra consulta, bastante emocionada, conta: “Uma vez meu pai me trancou na caixa d’água, não estava cheia, mas era de noite e ele colocou a tampa. Eu quase morri de medo, gritei muito, muito mesmo, e eu ouvia ele rindo e dizendo que eu tinha que perder o meu medo bobo, que a caixa não ia me comer não. Parece que demorou uma vida toda para ele tirar a tampa e me tirar de lá. Acho que ele era louco, isto não é normal não. Mas, doutora, minha mãe ouvia, ela sabia o que ele estava fazendo comigo e não fazia nada, como pode uma mãe deixar um pai fazer isso com um filho?”. Na fala de Edna podemos ouvir uma demanda de amor à mãe.

Edna resolve levar a sério seus estudos. Conta que voltou a estudar à noite, logo que sai do trabalho. Vai direto sem jantar e que isso a desanima, mas diz que sabe que sem estudo não vai chegar muito longe. Ela fala que tem muitas provas na outra semana, mas está com vontade de estudar. “Hoje pela manhã, vindo pra cá no

ônibus, eu passei mal, tudo fechado, o ônibus estava lotado, quase desci, eu estava sentada, tive que levantar e abrir a janela, esse povo tem medo de chuva, medo de se molhar, ficou todo mundo me olhando. Eu lá com a cabeça para fora da janela, mas respirando, dei uma olhada feia para todo mundo e logo chegou minha vez de descer. Senti vergonha, mas o que eu podia fazer se estava passando muito mal, igual quando eu estou no elevador. Parece às vezes que vou morrer. Ontem fui na casa da minha irmã, ela ficou perguntando como estava o tratamento, se eu estava melhorando, se já estava gostando de homem, porque se não, era melhor eu parar de me tratar, ela não sabe de nada e quer dar palpite, vive dando palpite na minha vida. Ela apanha tanto do marido, ele mexe com droga, chega em casa sempre nervoso, ela grita com ele, apanha e me conta. Às vezes eu quero fazer com ele o que meu pai fazia com a minha mãe. Daí eu queria ver se ele era besta de bater nela de novo. Meus irmãos também sabem, mas pergunta se algum deles faz alguma coisa. É, eu sou mesmo mais homem que muito homem. Uma vez eu peitei ele, só parei porque minha irmã começou a chorar e gritar, pedindo para eu não fazer aquilo, que droga, daí eu parei, bom eu pensei, ela que apanha quer continuar continua, não é doutora?”. Concordei. Na tentativa de salvar a irmã do cunhado, Edna quer lutar, bater, enfim, deixar claro que pode amar como um homem.

Chegou muito feliz na próxima consulta contando seu final de semana: “Doutora, esse fim de semana lavei a égua... Fui ao baile funk lá em cima. Encontrei uns amigos, tomei uns gorós, tinha umas meninas me olhando, não deu outra, fiquei com umas quatro. Sai de lá me sentindo...”. Perguntei pela Carla, e Edna falou que ela estava fazendo uma viagem para ver a mãe.

Em outra sessão, Edna chega muito nervosa e fala: “Ontem eu me lembrei de uma coisa que eu queria contar para a senhora. Uma vez meu pai pegou uns fios, descascou e mandou eu segurar um em cada mão, eu tinha mais ou menos uns seis anos. Tinha tanto medo, parecia que meu coração ia sair pela boca, foi na frente da minha mãe, tomei um choque tão grande, tão grande, ele disse que era para eu não ter medo de tomar choque e, quer saber? Hoje eu mesma faço todo o serviço de elétrica lá em casa e até na casa dos meus irmãos, mas eu era muito pequenininha na época... Que choque doutora...” E, sorrindo, me fala: “Diz aí doutora, não dava, né, para eu gostar de homem, dava?”.

Diante do caso apresentado, lançamos as seguintes questões: diante do horror do pai paranoico, Edna buscou identificar-se com o irmão, o direitinho, para

se salvar do pai e obter o amor da mãe? Edna sempre se mostrou muito à vontade no discurso do amor, falava das relações sexuais com sua companheira e também com as outras, cuidando sempre do gozo da parceira. Assim, podemos inferir que Edna fez sua escolha de objeto. Um outro ponto para se pensar é se Edna não teria no pai a figura do homem como uma “testemunha invisível, com cuidado que o sujeito tem com o gozo de sua parceira”, para mostrar a ele como fazer gozar uma mulher, conforme nos diz Lacan em seu texto “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina(1962 [1960], p.744). Podemos concluir que a figura do homem é indispensável na homossexualidade feminina, em que o desejo é duplo, dirigido à companheira e a um homem invisível. A homossexualidade de Edna, o lugar de homem que ela busca ocupar pode ser pensado como o lugar em que ela acredita poder ser amada pela mãe, bem como o desafiar a figura do pai.

Pouco tempo depois deste bonito trajeto de associações livres, a paciente mudou-se para outra favela mais distante do tratamento, o que segundo ela devido às dificuldades de pagar a condução entre outras, interrompe o tratamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dia de hoje, as discussões sobre sexo e sexualidade são propaladas em todos os lugares, da vida social à vida privada. Pois, hoje, podemos falar de sexo e manifestar nossas preferências sexuais abertamente. Mas nem sempre foi assim. Atribuímos à psicanálise e sua descoberta do inconsciente, cuja sexualidade é sua mola mestra, essa abertura.

Freud, desde seus estudos mais remotos, estudando e trabalhando com “professores e colegas que mais admirava — Charcot, Breuer e seu conhecido Rudolf Chrobak, um importante ginecologista vienense —” (GAY, 2002, p.99), desconfiava que as insinuações que estes faziam sobre os distúrbios nervosos de sempre envolverem, “segundo a expressão de Breuer, *secrets d’alcove*” (idem) não fossem apenas anedotas. Gay (idem) — biógrafo de Freud — pressupõe que “fora-lhe difícil acreditar nisso; como bom burguês, Freud só a adotou depois de superar fortes resistências internas a tal ideia”. Freud era um judeu burguês da era vitoriana, como todos sabem.

Em uma passagem de sua biografia, que se tornou emblemática pelo cunho anedótico que possui, Freud escutou de seu amigo Chrobak, “em um tom zombeteiro nele raro”, um caso de uma paciente que era “acometida por acessos de angústia aparentemente sem sentido”, e que “atribuiu tais acessos à incapacidade de desempenho sexual do marido”. Chrobak disse a Freud que só existia uma terapêutica que daria resultados, “e que seu marido nunca poderia aplicar: *Penis normalis dosim repetatur!*” (ibid., loc. cit.). Esses juízos de seus colegas, assim como outros vindos de seus relatos a respeito do adoecimento das históricas e suas conversões, foram trabalhados por Freud de forma silenciosa “até cerca de 1893, quando estava preparado para incorporá-los a uma teoria das neuroses”. (ibid., loc. cit.).

Assim como Freud sabia que um desejo sexual não é o mesmo que um ato sexual — precisou fazer todo seu percurso de estudos sobre as neuroses e abandonar sua teoria da sedução —, nos perguntamos, apoiados na psicanálise, se um sujeito se interessar por alguém do mesmo sexo, em algum momento de sua vida, seria suficiente para se rotulá-lo de homossexual?

Freud, em 1926, concedeu uma entrevista a um jornalista americano, George Sylvester Viereck, em que disse: “Expressar desdém pelo mundo é apenas uma forma de cortejá-lo, de ganhar audiência e aplauso”. Monique Wittig, uma das maiores defensoras da teoria *queer*, atacou *brutalmente* a psicanálise e psicanalistas, parecendo ter as piores impressões sobre a área. Não seria este o caso, a forma em que Wittig encontrou para cortejar a psicanálise, ou seja, atacando-a? As teóricas *queer* mostram em seus discursos que as diferenças sexuais estão pautadas somente nas construções sociais, na cultura propriamente dita.

Entretanto, podemos considerar que a teoria *queer* se pauta na psicanálise em muitos pontos. Pontos de concordância entre as teorias psicanalítica e *queer* foram negligenciadas por suas teóricas, como por exemplo, uma pulsão sexual que não se ajusta às normas sociais, perversa-polimorfa, e tendo um único objetivo a satisfação. Para além de psicanalíticos, não seriam estes os pontos também da teoria *queer*? A sexuação nem sempre trilha o caminho biológico, ou seja, não há uma relação de dependência entre o sexo e a escolha de objeto, o que enfatiza as duas orientações do desejo, homossexual e heterossexual, conforme Freud afirmou em seu percurso. Ele apontou, há muitos anos, o que as teóricas *queer* agora estão lutando para fazer reconhecer. Assim, pensar em qualquer tipo de conexão entre o sexo e reprodução é pensar de modo estreito e científico, e não analítico, e nem sob a teoria *queer*.

Muito se discute também hoje sobre a relação entre a homossexualidade e a perversão. Freud nos mostrou a diferença entre escolha de objeto e estrutura clínica, basta lembrar textos nos quais ele fala da homossexualidade diferenciada da estrutura. A perversão é uma estrutura psíquica, ou seja, modo com o qual o sujeito responde à castração simbólica, e não traz em si qualquer tipo de qualificação moralizante para a psicanálise. Freud demonstra que a sexualidade é perversa-polimorfa e a perversão é uma característica da sexualidade. Citamos alguns trabalhos que foram citados nesta dissertação sobre essa diferença: “Leonardo da

Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910), “Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia” (*Dementia Paranoides*) (1911), e no texto “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”(1919).

As teóricas *queer* falam do sexo tanto no registro imaginário quanto no registro do simbólico, mas não tratam em nenhum momento do registro do real. O real não é uma construção fantasística, ele escapa a esta construção, mas esta lá. Podemos pensar na exclusão do real do corpo, da anatomia, como a negação da diferença sexual propriamente dita? Trata-se do desmentido? O Édipo é imaginário e simbólico, ou seja, sua implicação com a identificação com o genitor do mesmo sexo e a escolha de objeto, mas a castração é o que há de mais real no sujeito. Toda essas questões giram em torno do falo, ter ou ser o falo. Descentralizar o falo? Tal pretensão *queer* não seria uma posição histórica da negação da primazia fálica? E ainda, se o falo é o significante do desejo, onde se localizaria o sujeito desejante? O conceito de castração, da forma como elas o entendem, estaria ligado somente ao registro do imaginário. Não é esta a proposta freudiana. Castração é a condição da virilização do homem, o que elas parecem desconhecer.

Para a psicanálise, o inconsciente desconhece a diferença sexual, não há inscrição de *A Mulher*, mas ela opera como causa de desejo. Existem sim mulheres particulares que devem ser tomadas uma a uma. Subjetivar o sexo é um processo pelo qual todo sujeito neurótico percorre, tanto homens quanto mulheres.

Freud deixou claro, em *O mal-estar na civilização*, que o homem está predestinado ao mal-estar no laço social. E a psicanálise é um dispositivo no qual o sujeito é convidado a repensar a sua singularidade diante das normas, das repressões impostas pela sociedade, para poder se relacionar no social, e parece-nos que esta é uma outra busca *queer*.

Em 1935 Freud responde a uma mãe americana sobre a homossexualidade de seu filho dizendo que não é nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha de envergonhar, não é doença, só uma variação da função sexual. No entanto, nos parece por esta via de raciocínio que o conceito bissexualidade não é levado em conta pelas *queer*, e este é doutrinário como já demonstrado neste trabalho.

E negar a diferença dos sexos não seria algo da ordem do desmentido? — “Eu sei, mas não quero saber”. Ainda, a construção do sujeito *queer* remonta ao pai da horda, que tudo pode, tudo dá...

Lacan, como aponta Braunstein (2007), sempre se opôs “a qualquer intenção de segregação dos psicanalistas em função de suas preferências sexuais”. A psicanálise desde sempre foi contra a normatividade e se faz necessária para se pensar qualquer tipo de norma, o que quer dizer que a psicanálise pode ser útil à teoria *queer*, para uma melhor elaboração sobre a normatividade social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Sonia (coord.). **As Realidades Sexuais e o inconsciente**. Histórico da questão. Salvador: PUBLICACAO DA EPFCL – BRASIL, 2006.
- AZEVEDO, Ana Vicentini. “Algumas formas de mal-estar no/do XXI: fantasias teóricas sobre o sujeito e a sexualidade”. In: ALBERTI, Sonia (org.) **A Sexualidade na Aurora do Século XXI**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2008.
- BORGES, Sonia. (2008) “Eva tagarela: criação, criacionismo e posição feminina”. In: Alberti, Sonia (org.) **A Sexualidade na Aurora do Século XXI**. Op. cit.
- BRAUNSTEIN, Néstor. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.
- BUTLER, Judith. **O Corpo Educado**. Corpos que pesam sobre os limites discursivos do sexo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CARNEIRO RIBEIRO, Maria Anita. “O Traço que fere o corpo”. In: ALBERTI, Sonia & CARNEIRO RIBEIRO, Maria Anita (orgs.) **Retorno do Exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.
- \_\_\_\_\_. Apontamentos de aulas durante o curso de mestrado da Universidade Veiga de Almeida. Inédito, 2009.
- DOR, Joel. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: vontade de saber**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREUD, Sigmund, (1950[1892–99]) “Fragmentos da correspondência com Fliess”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 1 Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1893–99) “Primeiras publicações psicanalíticas”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 3. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1893–95) “Estudos sobre a Histeria”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 2. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1900) “Interpretação dos sonhos”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 4. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 7. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1905 [1901]). “Fragmentos da análise de um caso de histeria”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 7. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1910) “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 11. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1911) “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 11. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1913 [1912–13]) “Totem e tabu”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 13. Op. cit.



- \_\_\_\_\_. (1914) “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 14. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1917 [1915]) “Luto e melancolia”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 14. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1920) “A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 18. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1921) “Psicologia de grupo e a análise do ego”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 18. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1922) “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 18. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1923a). “O ego e o id”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol.19. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1923b) “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol.19. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1924) “A dissolução do complexo de Édipo”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol.19. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1925) “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol.19. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1926 [1925]) “Inibição, sintoma e angústia”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, v. 21, ob. cit.
- \_\_\_\_\_. (1927) “Fetichismo”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, v. 21. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1931) “Sexualidade feminina”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 21. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1933a) “Conferencia XXXI: A dissecção da personalidade psíquica”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 22. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1933b) Conferencia XXXIII: Feminilidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 22. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1940[1938]) “Esboço de psicanálise”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 23. Op. cit.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GÊNERO. **Tabu**. Rio de Janeiro, National Geographic, 28 de abril de 2010. Programa de TV.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio & FERREIRA, Nadiá. **Lacan o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, Jacques. “Resposta a una pergunta de Marcel Ritter”. In: GORALI, Vera (org.) **Estudios de psicomatica**, vol 2. Buenos Aires: Ed. Atuel, 1994.

- \_\_\_\_\_. (1949). "O estádio do espelho". In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1957–58) **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1958) "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: **Escritos**, ob.cit.
- \_\_\_\_\_. (1962 [1960]) "Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina". In: **Escritos**. Op. cit.
- \_\_\_\_\_. (1972–73) **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre a sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- MARQUES, Nayara. **Shiloh: ela quer ser menino?** Bolsa de mulher, 5 Abr. 2010. Disponível em: <<http://www.bolsademulher.com/familia/shiloh-ela-quer-ser-menino-101791.html>>. Acesso em: 15 Abr. 2010.
- MASSON, Jeffrey M. **A correspondência completa de Freud para Fliess (1886-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MAURANO, Denise. **A face oculta do amor**. A tragédia à luz da psicanálise. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001.
- MELLO, KÁTIA. & MENDONÇA, MARTA. **Nem João. Nem Maria**. Revista Época, 13 de julho de 2009. Disponível em: <<http://veronikaror.blogspot.com/2009/07/nem-joao-nem-maria.html>>. Acesso em: 25 Jul 2009.
- PLATÃO. **O Banquete**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.
- POLI, Maria Cristina. **Feminino / Masculino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- QUINET, Antonio. **Um olhar a mais**: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A descoberta do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- RANGEL, Rodrigo & AZEVEDO, Solange. **Eles são do exército. Eles são parceiros. Eles são gays**. Revista Época, 2 de julho de 2008. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI5003-15228,00-ELES+SAO+DO+EXERCITO+ELES+SAO+PARCEIROS+ELES+SAO+GAYS.html>>. Acesso em: 27 Set. 2009.
- RODRIGUES, Humberto & LIMA, Claudia de Castro. **Vale tudo**: homossexualidade na antiguidade. Editora Abril S.A., 2009. Disponível em: <<http://historia.abril.com.br/comportamento/vale-tudo-homossexualidade-antiguidade-435906.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2010.
- ROUDINESCO, Elizabeth. & PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SÓFOCLES. **A Trilogia Tebana**: Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

WITTIG, Monique. (1978) **O pensamento hetero**. Feminismo é a verdadeira revolução, 8 de março de 2010. Disponível em: <<http://antipatriarchy.wordpress.com/2010/03/08/o-pensamento-hetero-e-a-existencia-lesbiana/>>. Acesso em: 15 Abr. 2010.

\_\_\_\_\_. **The Straight Mind and Other Essays**. Boston: Beacon, 1992.

WIKIPEDIA. **Lésbica**. Wikipédia, a enciclopédia livre, 2010. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lésbica>>. Acesso em: 14 Abr. 2010.

\_\_\_\_\_. **Rave**. Wikipédia, a enciclopédia livre, 2010. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rave>>. Acesso em: 27 Jun. 2010.

## **ANEXO - PRODUTO**

### **PROPOSTA DE SEMINÁRIO**

#### **TEMA: TEORIA QUEER E A PSICANÁLISE**

Produto de dissertação apresentado ao Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade.

**ORIENTADORA: Prof. Dra. Maria Anita Carneiro Ribeiro.**

Rio de Janeiro

2010

## PLANO DE CURSO

### DADOS GERAIS

**Número total de encontro:** 03

**Clientela:** profissionais e estudantes da área de saúde e educação.

### OBJETIVO

Uma contribuição que a psicanálise pode oferecer para a reflexão sobre a sexualidade – seus mecanismos e impasses.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- ✓ Apresentação do texto “O Pensamento Hetero” de Monique Wittig;
- ✓ O status do mito na psicanálise;
- ✓ A verdade na ciência na religião e na psicanálise;
- ✓ O impacto da descoberta da sexualidade infantil;
- ✓ A travessia do Édipo nos meninos e nas meninas;
- ✓ A homossexualidade e a perversão freudiana;
- ✓ O percurso do conceito de Identificação;
- ✓ A fórmula quântica da sexuação.

### METODOLOGIA

- ✓ aulas expositivas;
- ✓ leitura de textos com debate;
- ✓ apresentação de trabalho oral.

### RECURSOS

- ✓ quadro (giz ou pilot);
- ✓ textos.

**AValiação:** produção de trabalho individual.

## BIBLIOGRAFIA INDICADA

BRAUNSTEIN, Néstor. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.

BUTLER, Judith. **O Corpo Educado**. Corpos que pesam sobre os limites discursivos do sexo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: vontade de saber**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREUD, Sigmund. (1893–95) “Estudos sobre a Histeria”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 2, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1900) “Interpretação dos sonhos”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 4, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 7. Op. cit.

\_\_\_\_\_. (1910) “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 11. Op. cit.

\_\_\_\_\_. (1913 [1912–13]) “Totem e tabu”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 13. Op. cit.

\_\_\_\_\_. (1920) “A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 18. Op. cit.

\_\_\_\_\_. (1921) “Psicologia de grupo e a análise do ego”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 18. Op. cit.

\_\_\_\_\_. (1922) “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 18. Op. cit.

\_\_\_\_\_. (1923a). “O ego e o id”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol.19, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1923b) “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol.19, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1924) “A dissolução do complexo de Édipo”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol.19, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1925) “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol.19, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1927) “Fetichismo”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, v. 21, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1931) “Sexualidade feminina”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 21, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1933a) “Conferencia XXXI: A dissecação da personalidade psíquica”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 22, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1933b) Conferencia XXXIII: Feminilidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 22, ob. cit.

\_\_\_\_\_. (1940[1938]) “Esboço de psicanálise”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, vol. 23, ob. cit.

- MASSON, Jeffrey M. **A correspondência completa de Freud para Fliess (1886-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GÊNERO. **Tabu**. Rio de Janeiro, National Geographic, 28 de abril de 2010. Programa de TV.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre a sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- WITTIG, Monique. (1978) **O pensamento hetero**. Feminismo é a verdadeira revolução, 8 de março de 2010. Disponível em: <<http://antipatriarchy.wordpress.com/2010/03/08/o-pensamento-hetero-e-a-existencia-lesbiana/>>. Acesso em: 15 Abr 2010.
- \_\_\_\_\_. **The Straight Mind and Other Essays**. Boston: Beacon, 1992.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)